



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS ERECHIM  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**FRANCIELE GLEICE SOTORIVA**

**CONTRASTES DA MODERNIDADE NA OBRA 'DRÁCULA' DE BRAM  
STOKER**

**ERECHIM  
2017**

**FRANCIELE GLEICE SOTORIVA**

**CONTRASTES DA MODERNIDADE NA OBRA 'DRÁCULA' DE BRAM  
STOKER**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
História da Universidade Federal da  
Fronteira Sul como requisito para  
obtenção do título de graduação em  
Licenciatura em História.

Orientador Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

**ERECHIM**

**2017**

**PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas**

Sotoriva, Franciele Gleice

Contrastes da modernidade na obra 'Drácula' de  
Bram Stoker / Franciele Gleice Sotoriva — 2017.  
61 f.

Orientador: Gerson Wasen Fraga.

Trabalho de conclusão de curso (graduação)  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
História, Erechim, RS, 2017.

1. Modernidade. 2. Literatura. 3. Século XIX. I.  
Fraga, Gerson Wasen, orient. II. Universidade Federal  
da Fronteira Sul. III. Título.

## FRANCIELE GLEICE SOTORIVA

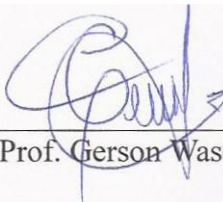
### Contrastes da modernidade na obra 'Drácula' de Bram Stoker

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Gerson Wasen Fraga

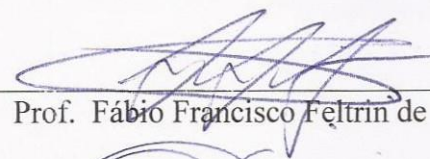
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:  
05/12/2017

Banca examinadora:



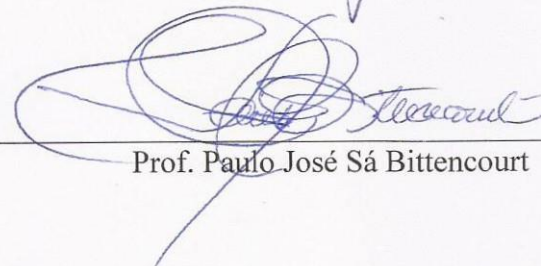
---

Prof. Gerson Wasen Fraga



---

Prof. Fábio Francisco Feltrin de Souza



---

Prof. Paulo José Sá Bittencourt

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que me apoiaram e ajudaram para que eu concluísse este trabalho.

Ao meu orientador Prof<sup>o</sup> Dr. Gerson Fraga, pelo apoio e paciência, correções e auxílios. Por estar sempre disponível para me auxiliar em todos os momentos.

Aos meus pais que sempre me incentivaram, e estiveram presentes quando precisei.

Ao meu namorado Jonatan que me apoia em tudo, sempre me incentivando para continuar para que eu atinja meus objetivos.

Ao meu irmão que me auxiliou muito durante toda a graduação.

E aos meus colegas, Roze, Mônica, Aline, Ediana e Rovian, pois sempre nos incentivamos e apoiamos uns aos outros, pelas palavras de apoio e incentivo.

Obrigado a todos que torceram por mim, colegas, professores, amigos...

## RESUMO

Este trabalho tem como finalidade compreender como a obra “Drácula de Bram Stoker” apresenta a modernidade e sua contraposição ao tradicional. Este romance de terror foi escrito no final do século XIX (1897), em um período de muitas inovações tecnológicas resultantes da Revolução Industrial, como a expansão das ferrovias, a invenção do telefone, do fonógrafo, os avanços no conhecimento da física, química, matemática e biologia, ou mesmo a utilização da eletricidade. Estas mudanças estão presentes na obra, de forma que o autor cita ao longo do texto a utilização de métodos científicos modernos para o período, como a transfusão de sangue, o hipnotismo, o transporte rápido e a taquigrafia. “Drácula” foi escrito em Londres, o maior pólo de desenvolvimento da época, onde se deu primeiro a Revolução Industrial e onde as inovações tecnológicas estavam mais evidentes, o que inseria o autor em um contexto de transformações que se tornaram perceptíveis em sua escrita. No século XIX se constituiu a era vitoriana na Inglaterra, o período referente ao reinado da rainha Vitória, de 1837 à 1901. A sociedade inglesa era moralista, puritana, tradicionalista até então, e “Drácula” vem em oposição a isto também, como uma crítica para mostrar que novos tempos estão surgindo. A obra de Stoker tem uma visão positiva da modernidade e da ciência, pois utiliza os personagens vinculados ao conhecimento (médico, cientista, advogado) como os polos positivos do romance. Em relação ao vilão Conde Drácula, este representa o tradicional e ao mesmo tempo o antigo, a perdição, a promiscuidade, o que de certo modo reflete a postura do autor diante da dualidade então existente entre os que acreditavam que a ciência era algo positivo e os que a criticavam como sendo uma ameaça. A literatura é algo instigante para o estudo em história, abrindo inúmeras possibilidades para análises. Ressaltamos, através deste estudo de caso, a importância que o gênero literário tem para a pesquisa histórica.

Palavras-chave: Drácula. Modernidade. Século XIX.

## ABSTRACT

This work aims to understand how the work "Dracula of Bram Stoker" presents modernity and its counterpoint to the traditional. This horror novel was written in the late nineteenth century (1897), at a period of many technological innovations resulting from the Industrial Revolution, such as the expansion of railways, the invention of the telephone, the phonograph, advances in knowledge of physics, chemistry, mathematics and biology, or even the use of electricity. These changes are present in the work, so the author cites throughout the text the use of modern scientific methods for the period, such as blood transfusion, hypnotism, fast transport and shorthand. "Dracula" was written in London, the greatest development pole of the time, where the Industrial Revolution first took place and where technological innovations were more evident, which inserted the author in a context of transformations that became perceptible in his writing. In century XIX constituted the Victorian era in England, the period referring to the reign of Queen Victoria, from 1837 to 1901. English society was moralistic, puritanical, traditionalist until then, and "Dracula" comes in opposition to this as well, as a criticism to show that new times are emerging. Stoker's work has a positive view of modernity and science, as it uses the characters linked to knowledge (doctor, scientist, lawyer) as the positive poles of the novel. In relation to the villain Count Dracula, this represents the traditional and at the same time the old, the perdition, the promiscuity, which in a certain way reflects the author's attitude towards the duality then existing between those who believed that science was something positive and those who criticized her as a threat. Literature is something instigating for the study in history, opening up numerous possibilities for analysis. We emphasize, through this case study, the importance that the literary genre has for historical research.

Keywords: Dracula. Modernity. 19th century.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1 A MODERNIDADE</b> .....	<b>12</b>
<b>2 PROGRESSO CIENTÍFICO</b> .....	<b>23</b>
<b>3 CIVILIZAÇÃO OU BARBÁRIE</b> .....	<b>37</b>
3.1 REPRESENTAÇÕES DO VAMPIRO .....	<b>49</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>58</b>



## INTRODUÇÃO

O tema "Contrastes da modernidade na obra 'Drácula' de Bram Stoker" tem como finalidade apresentar a oposição entre a modernidade e a tradição na obra citada. Este romance de terror foi escrito no final do século XIX (1897), um período onde muitas mudanças na sociedade ainda estavam se acentuando, como a revolução industrial, a expansão das ferrovias, avanços da ciência e tecnologias. Estas mudanças estão presentes na obra, de forma que o autor cita métodos científicos modernos, como a transfusão de sangue, o hipnotismo, o transporte rápido, o fonógrafo e a taquigrafia. É escrito em Londres, o polo de desenvolvimento da época, onde se deu primeiro a Revolução Industrial e onde as inovações tecnológicas estavam brotando. O país era o auge das transformações e o autor, desta forma, estava inserido em uma era de mudanças perceptíveis em sua escrita.

O autor é Abraham Stoker, nascido em 1847, na cidade de Dublin, na Irlanda. Foi jornalista, diretor de teatro e funcionário público. Formou-se em matemática, mas começou a escrever romances como "The Primrose Path", "O castelo da Serpente", ou ainda "The Duties of Clerks of Petty ir Ireland", o que se tornou a sua principal atividade. Quando era crítico de teatro fez uma avaliação positiva para Henry Irving<sup>1</sup>, onde acabaram por se tornarem amigos. Irving o chamou para ser seu assistente pessoal e Stoker se tornou gerente do teatro de Irving, um dos mais importantes de Londres. Devido a seu trabalho, Stoker tornou-se parte da alta sociedade britânica, teve oportunidade de viajar pela Europa e América do Norte, apesar de não ter conhecido grande parte dos lugares que aparecem em "Drácula". Faleceu em 20 de abril de 1912, na cidade de Londres, na Inglaterra.

Bram Stoker viveu em um período em que há o surgimento do novo, em que o moderno estava abrindo espaço em meio a sociedade. No século XIX se constitui a Era Vitoriana na Inglaterra, que é o período referente ao reinado da rainha Vitória, de 1837 a 1901. Neste período se deu o auge da Revolução Industrial, que provocou mudanças na sociedade, principalmente porque as populações rurais deslocavam-se

---

<sup>1</sup> Sir Henry Irving (06 de fevereiro de 1838 – 13 de outubro de 1905), nascido John Henry Brodribb, conhecido como JH Irving, foi um ator de teatro inglês. Em 1878, entrou em uma parceria com a atriz Ellen Terry e abriram o Royal Lyceum em Londres, sob a sua própria gestão. Em 1895 ele se tornou o primeiro ator a ser premiado com um título de cavaleiro, indicando a aceitação plena para os círculos mais altos da sociedade britânica.

para as áreas industrializadas em busca de emprego. A sociedade inglesa era moralista, puritana, tradicionalista até então, e “Drácula” vem em oposição a isto também, como uma crítica para mostrar que novos tempos estão surgindo. Mas como se dá, na obra, esta oposição entre o moderno e o tradicional?

O romance inglês estava se tornando uma literatura conhecida, e obras como “Frankenstein”, de Mary Shelley, “O médico e o monstro”, de Robert Louis Stevenson e “Drácula”, de Bram Stoker ganharam a apreciação do público. O gênero de terror ganhava maior repercussão, e estas obras se tornavam mais lidas, apesar da obra “Drácula” só ter maior disseminação após a morte do autor e permissão de sua esposa para adaptá-la em uma peça teatral. Também as adaptações para o cinema fizeram com que o livro se difundisse pelo mundo. A obra tem leitores ainda hoje, e recebeu muitas adaptações em filmes e séries, além de livros que se utilizaram do vampiro de Stoker, o que deu início a toda uma literatura deste gênero. Apesar de existirem vampiros antes, o Conde Drácula introduz uma simpatia pelo personagem; embora sendo o vilão, ele possui algo de enigmático e sedutor, que criou todo um misticismo em relação a figura do vampiro. Segundo Silva, “a partir do século XIX, o vampiro sofre uma alteração, por via da literatura romântica, em que passa a ser capaz de exibir uma figura sociável e sedutora” (2013, p.3) e ainda afirma que “temos de apontar que o conde Drácula se distingue dos outros vampiros da tradição folclórica pelo seu aspecto sedutor e cavalheiro” (2013, p.129).

Busca-se aqui trabalhar com uma leitura e interpretação da obra, com base em teóricos que trabalham com a análise da história e literatura. É necessário fazer uma análise da época em que o livro foi escrito, o lugar onde é escrito e de seu autor, pois são peças fundamentais para entender toda a harmonia da obra. Assim abordaremos a questão do que é a modernidade, pois antes de se pensar em como é feita esta análise na obra é preciso entender como se forma essa ideia de modernização. Isso tem grande relevância na obra, pois é necessário compreender a realidade em que estão inseridos o autor e os personagens da trama, o que é entendido como modernidade e sua relação com o antigo. A cidade tem um grande destaque nesta nova era moderna em que o livro é escrito, sendo ela o centro da própria modernidade.

A abordagem metodológica deste trabalho será uma análise baseada na relação da história e literatura. A literatura é um registro de seu tempo; a história utiliza a literatura como uma fonte, como uma interpretação do tempo em que é escrita. Como

Pesavento (2003, p.40) afirma, "a literatura é o domínio da metáfora da escrita, da forma alegórica, da narrativa que diz sobre a realidade de uma forma, para dizer além". A escrita pode nos dizer muito sobre sua época, apesar de não poder exigir que este autor escreva sobre sua época, ou se utilize dela.

"Através dos tempos, a literatura tem dado voz aos medos e esperanças gerados pelas descobertas científicas e retratado as imagens e mitos em torno da própria ideia de ciência" (ROCQUE, 2001, p.12). A história e a literatura possuem uma relação onde uma pode servir de fonte para a outra. Segundo Carvalho,

É uma fonte reveladora de aspectos que não aparecem nas fontes ditas oficiais, levando-nos a pensar nas representações que um determinado fato pode ter e suas mudanças no decorrer do tempo, ou seja, é uma maneira de pensar a história em um âmbito cultural (CARVALHO, 2014, p.51).

Bram Stoker se utiliza de seu tempo para criar uma realidade fictícia em relação ao vampiro, mas ao mesmo tempo nos transporta para sua época, expressando como era a sociedade inglesa. Recorre a personagens que expressam o momento em que vive, como os médicos, pois a ciência está em ascensão com novas técnicas e meios de salvar vidas, tal como a transfusão de sangue, que é algo novo para sua época, mas já está inserida na obra. O desenvolvimento tecnológico, como o fonógrafo, comunicação e os transportes mais rápidos. A questão da mulher é algo bem presente, pois pode-se observar como a sociedade trata a mulher e como ela mesmo se define, nota-se na personagem feminina Mina uma submissão ao marido, pois até então trabalhava como professora, mas ao se casar se dedicaria exclusivamente a ele. Percebe-se assim que a mulher ainda é vista apenas como dona de casa a serviço do marido após o casamento, ficando explícita a necessidade da mulher se casar o mais breve possível.

A obra de Stoker tem uma visão positiva da modernidade, da ciência, pois como se pode observar no livro, o autor usa os personagens que estão ao lado da ciência, médico, cientista, advogado como os polos positivos do romance. Em relação ao vilão Conde Drácula, este representa o tradicional e ao mesmo tempo a perdição, a promiscuidade. Nesta época havia uma dualidade entre os que acreditavam que a ciência era algo positivo e os que criticavam como sendo uma ameaça.

Em *Drácula*, a ciência, seus métodos, saberes e instrumentos são usados como armas contra o vilão que nomeia o romance, e assim a obra, apesar de estar mais bem situada no gênero de horror que a ficção científica, realiza algo que talvez seja muito mais eficiente na divulgação, entre o público leitor, de uma noção positiva de ciência: personifica a ideia do cientista como detentor da chave de um conhecimento que não é perigoso, mas, ao contrário, útil à humanidade. (ROCQUE, 2001, p.22)

Pode-se exemplificar tal positivação da ciência e da modernidade atrelada ao ocidente através da questão inicial do livro, onde o personagem Jonathan Harker, além de se utilizar da taquigrafia, que é um método novo de escrita em código, tem uma visão negativa sobre o oriente, construindo uma imagem de uma Inglaterra mais avançada em contrapartida aos países orientais. A anotação de Harker demonstra isso, quando escreve, "parece-me que quanto mais orientais, menos pontuais são os trens" (STOCKER, 2015, p.29) É possível também ver como o autor elogia muito Londres utilizando-se da palavra "poderosa", na fala do Conde Drácula,

não vejo a hora de percorrer pelas ruas apinhadas da sua poderosa Londres, de estar no meio do turbilhão e da multidão de humanidade, de participar de sua vida, de sua transformação, de sua morte e de tudo aquilo que faz dela o que ela é" (STOCKER, 2015, p.49)

O crescimento das cidades no século XIX se dá de forma muito rápida, principalmente depois de 1850. A Inglaterra se destacava como país urbanizado, de economia industrial.

Segundo Ortiz (1991), a modernidade estabelece uma nova tessitura social, uma nova forma de relação entre os homens. Ela não seria um projeto, mas o vértice uma mudança radical que é codificada culturalmente de diferentes maneiras. Ortiz destaca que, embora se ligue a uma condição cultural, a modernidade é também objetiva, substancial. Sendo ao mesmo tempo uma e múltipla, ela seria uma matriz única que, contudo, realizar-se-ia de maneiras diferentes no tempo e no espaço. (apud MICHETTI, 2009, p.239)

A modernização é um processo que tem muitas características e inúmeros acontecimentos podem ser citados como parte da mudança para este período que caracterizamos como moderno. De acordo com Berman (2007, p.25) esses aspectos são: as descobertas no campo das ciências físicas, que influem em como o universo está estruturado e onde estamos; o fenômeno da industrialização e tudo que ele implica; a produção em massa que acelera o ritmo de trabalho e da vida em si; as lutas de classe; o desenvolvimento tecnológico; o crescimento espantoso dos centros urbanos e o desenvolvimento dos sistemas de comunicação e transportes.

Busca-se compreender como o autor se utiliza da diferença entre o moderno e o antigo. Como se apresenta a relação entre Londres, que representa a modernidade e junto dela os personagens ligados à ciência, e a Transilvânia representada pelo Conde Drácula, ligado às tradições. O autor se utiliza de metáforas para descrever a oposição entre o moderno, “bem” e o atraso “mal”. Há uma luta entre da ciência contra o Conde Drácula, ao mesmo tempo em que é preciso estudá-lo para compreender como superá-lo. Os contrastes criados por Stoker deixam sua obra mais interessante, pois abre um leque vasto para se analisar a constituição da sociedade da Inglaterra vitoriana e como os outros países são vistos por esta sociedade, e como se dá o final do século XIX a partir de um romance de terror, em que ao mesmo tempo junta a literatura e a história como complementos, unindo superstições e folclore com técnicas médicas reais, além de cientistas da época. Tudo isso será explorado com mais calma adiante, a modernidade, o que é e sua importância na obra, o progresso científico e quais as mudanças que ele trouxe consigo e para fechar a dicotomia civilização versus barbárie, com uma análise da obra e da imagem do vampiro ao longo do tempo.

## 1 A MODERNIDADE

Neste trabalho o moderno automaticamente nos leva ao tradicional, um sendo oposto ao outro, mas ao mesmo tempo ciente de que precisa do outro. O moderno é uma transformação do tradicional, até o momento em que o moderno deixa de ser novo e se consolida como uma tradição. A tradição é algo passado por gerações, são regras, normas estabelecidas de como se comportar perante a sociedade, é o costume. "O moderno, a partir do final do século XVIII, estava voltado para o futuro, ao que era 'novo', 'bom' e 'auto-suficiente'". (RODRIGUES, 2008, p.32) Estava mudando a concepção de ideal, a tradição estava sendo deixada de lado em virtude do novo, "não se distanciava mais do velho e sim do clássico, do belo eterno, de um valor que desafia o tempo" (RODRIGUES, 2008, p.32). Na Inglaterra, o costume é o tradicional, então o novo deveria logo passar a se tornar um costume, para ser uma tradição. É um círculo, uma forma de controle. Nada pode escapar do que é estabelecido. Quando algo novo surge, deve ser logo assimilado à sociedade ou excluído permanentemente.

A modernidade em si se dá a partir de uma série de mudanças de comportamento e valores que ela realmente se estabelece. A cidade é uma das mudanças principais, a transformação do ambiente urbano. Mas as relações do homem com esse ambiente são mutáveis e adaptáveis. Quando as cidades modernas vão aparecendo, o novo vai se tornando o tradicional e as pessoas se acostumam com este novo. As mudanças nem sempre são fáceis de aceitar, é preciso entendê-las, de onde vem e como chegaram a este ponto para poder saber lidar com elas. Em um período muito curto, a tecnologia avança rapidamente, assim como a capacidade humana de produção que aumenta rápido no século XIX. Há uma mudança na vida comercial e industrial, que agora contam com ajuda da ciência, das tecnologias.

Se o substantivo modernidade, no sentido de caráter do que é moderno, aparece em Balzac, em 1823, antes de identificar-se verdadeiramente com Baudelaire, e se modernismo, no sentido de gosto – a maioria das vezes julgado excessivo – do que é moderno, aparece em Huysmans, no “Salão de 1879”, o adjetivo moderno, por outro lado, é muito mais antigo, segundo Hans Robert Jauss, que retrçou a sua história; *modernus* aparece, em latim vulgar, no fim do século V, oriundo de modo, “agora mesmo, recentemente, agora”. *Modernus* designa não o que é novo, mas o que é presente, atual, contemporâneo daquele que fala. O moderno se distingue, assim, do velho e do antigo, isto é, do passado totalmente acabado da cultura grega e romana. Os *moderni* contra os *antiqui*, eis a oposição inicial, a do presente contra o passado. Toda a história da palavra e de sua evolução semântica será, como

Jauss sugere, a da redução do lapso de tempo que separa o presente do passado, ou seja, a da aceleração da história. Pouco importa que essa aceleração seja uma realidade ou uma ilusão, que se passem, realmente ou não, mais coisas num instante dos tempos modernos do que num instante da Antigüidade, pois é a percepção do tempo que conta. O eterno retorno do mesmo pode também acelerar seu ritmo, como no caso da moda, que nunca se encontra muito longe do moderno.

Quando essa palavra surgiu, nem se cogitava do tempo. A separação entre o antigo e o moderno não implica o tempo; ela é total, absoluta, entre a Antigüidade grega e romana, e o *hic et nunc* medieval, aqui e agora: é o conflito do ideal e do atual. Hoje – mas Baudelaire já constatava esse fenômeno – o moderno torna-se logo ultrapassado; opõe-se menos ao clássico, como intemporal, que ao fora de moda, isto é, o que passou da moda, o moderno de ontem: o tempo acelerou-se. (COMPAGNON, 1996, p.17)

A era moderna teve como pressupostos o pensamento racional e o método cartesiano, que levaram à revolução industrial. Toda a estrutura social estava se modificando neste período. As guerras napoleônicas levaram às corridas armamentistas, e, com isso, a uma maior produção de bens. Os camponeses migraram para as cidades, pois com a privatização das terras, os pequenos agricultores e pastores não tinham mais seu sustento e precisavam ir para os centros industriais, em busca de empregos nas fábricas, o que fez com que as cidades cresçam rapidamente. O capitalismo se tornou o regente da economia, as relações trabalhistas e sociais se modificaram.

Marx Webber vê como o "desencantamento do mundo" essa mudança do homem moderno em relação ao abandono do pensamento teológico e religioso. Agora as explicações pela razão derrubam as tradições vinculadas à religião. Bauman trabalha com a questão fundamental da modernidade, a "busca pela ordem", que se iniciou muito antes, mas teve destaque com a era moderna. Este período é marcado pela globalização, segregação de classes e conflitos de nações.

Para Marx, o tipo de sociedade que surgiu com a emergência do capitalismo industrial é radicalmente diferente das sociedades pré-capitalistas anteriores. Enquanto as sociedades pré-capitalistas eram, basicamente, conservadoras em seu modo de produção, a sociedade capitalista moderna está constantemente em expansão, modificando-se, transformando-se; a sociedade capitalista moderna desintegra também as tradições e as formas culturais - incluindo as tradições religiosas - que eram características das sociedades pré-capitalistas. (THOMPSON, 2011, p.107)

O homem moderno se adapta a nova sociedade, é um ser competitivo, ágil, pronto para superar as diversidades, onde "miríades de possibilidades se abrem

àquele que chama a modernidade de lar, tornando a existência dúctil, ativa e, sem dúvida, interessantíssima." (BERMAN, 1986, p.24)

A modernidade pode ser entendida como a dissolução dos modelos estabelecidos até então, são estruturas construídas que se abrem para novas possibilidades, para o desconhecido. A razão se sobrepõe a fé, o pensamento, novas questões surgem. "São as novas leituras de mundo." (LUVIZOTTO, 2010, p.55)

Luvizotto ainda afirma que "uma sociedade dotada de reflexividade é marcada pela re-descoberta e pela dissolução da tradição, bem como pela destruição daquilo que sempre pareceu ser uma tendência estabelecida." (2010, p.57) A modernidade muda a organização da sociedade, da tradicional e pequena comunidade para uma forma de organização maior e complexa. Há mudanças nas relações entre os indivíduos modernos, quando a razão passa a reger a vida e este é capaz de refletir sobre o que ocorre com o sistema. Ele reflete sobre seus atos e consequências, e calcula suas ações.

A arquitetura moderna é a busca de um novo modelo de cidade, alternativo ao tradicional, e começa quando os 'artistas' e os 'técnicos' - chamados a colaborar com a gestão da cidade pós-liberal - se tornam capazes de propor um novo método de trabalho, libertado das anteriores divisões institucionais. (BENEVOLO, 2009, p.615)

Benevolo define a cidade como um "local de estabelecimento aparelhado, diferenciado e ao mesmo tempo privilegiado, sede da autoridade - nasce da aldeia, mas não é apenas uma cidade que cresceu." (2009, p.23) Ainda de acordo com Benevolo (2009, p.23) a cidade é formada no momento em que a terra e as tarefas deixam de ser executadas pelos donos e estes passam a pagar a outros para fazerem estas tarefas com os excedentes do lucro do produto. A forma de trabalho, a organização da indústria se modifica, a sociedade fica dependente da cidade e do que ela pode lhe proporcionar, apesar de muitos se decepcionarem ao encontrarem péssimas condições ao sair do campo para a cidade.

Segundo Mumford (2008, p.631)

em 1800, nem sequer uma cidade no mundo ocidental tinha mais de um milhão de habitantes: Londres, a maior delas, tinha apenas 959 310, ao passo que Paris tinha pouco mais de meio milhão, muito menos do que Amsterdã, hoje em dia. Em 1850, Londres tinha mais de dois milhões e Paris mais de um milhão de habitantes; e, embora outras cidades aumentassem rapidamente, aquelas não tinham ainda rivais sérias.



Inicialmente, as cidades eram aglomerações de pessoas de uma classe parecida. Com as migrações, as cidades cresceram assim como as periferias e automaticamente os pobres foram empurrados para as periferias. Nas regiões urbanas como Londres foram claramente identificadas as diferenças entre os ricos e pobres, os bairros foram separados e quanto mais longe uns dos outros, melhor. É possível perceber como os ricos possuíam casas separadas, distantes uma das outras, em espaços grandes, e como os pobres precisaram se amontoar em espaços reduzidos, em barracos montados um ao lado do outro. Quando possuíam uma casa, está se resumia a um espaço bem pequeno, apenas para a casa em si.

Novas invenções foram surgindo, o que ajudava na construção da cidade moderna, como o processo Bessemer<sup>2</sup>, em 1856, o que gerava uma melhor difusão do aço e levou à construção de pontes suspensas e arranha-céus. Em 1869 temos a invenção do dínamo, usando a eletricidade como força motriz, o que leva à lâmpada elétrica em 1879, ao telefone em 1876 e ao elevador em 1887. Já em 1885 temos a invenção do motor à explosão, utilizando o petróleo para movimentar navios e automóveis. As novas arquiteturas se misturavam com as antigas, formando novos estilos. As cidades como Londres, que no final do século XIX já possuíam quatro milhões de habitantes, já contavam com toda uma organização de transporte público, como linhas de metrô subterrâneos e trens, além da distribuição de eletricidade e de gás, e o telefone.

"No século XIX Londres é a maior cidade do mundo" (BENEVOLO, 2009, p.672). Ao mesmo tempo é curioso imaginar sua ordem, com tão grandes aglomerações de casas e ruas, e se mantinham os serviços básicos. Apesar disso foi capaz de construir muitas maravilhas da modernidade:

Pall Mall é a primeira rua no mundo inteiro iluminada a gás, em 1805; o Palácio de Cristal, onde se desenrola a Exposição Universal de 1851, é o maior edifício jamais construído: tem justamente 1851 pés de comprimento (550 metros), e cobre sete hectares e meio; em 1863, dá-se início à construção da rede ferroviária metropolitana; de 1848 a 1865 são construídas as duas margens do Tâmesa entre a city Westminster; em 1894 inaugura-se a nova ponte suspensa perto da Torre de Londres, com a parte central móvel para deixar passar os navios. (BENEVOLO, 2009, p.672)

---

<sup>2</sup> Primeiro processo industrial de baixo custo para a produção em massa de aço a partir de ferro gusa fundido. O processo foi nomeado em homenagem ao seu inventor, Henry Bessemer, que registrou sua patente em 1855.

Como podemos observar todos estes eventos se dão antes da publicação da obra "Drácula" (1897) de Bram Stoker. Voltando à questão da modernidade, de acordo com Luvizotto, "Max Weber (1968) definiu o advento da modernidade como um processo crescente de racionalização intelectualista, que estava ligado intimamente ao desenvolvimento científico." (2010, p.53) As mudanças se dão muito rapidamente, em muitos espaços, como as questões científicas que se desenvolvem e recebem mais atenção. Uma nova sociedade vem surgindo.

De acordo com Giddens (2002), nas sociedades tradicionais, é a tradição, o parentesco e a localidade que limitam a identidade social dos indivíduos. Na sociedade moderna, caracterizada como uma ordem pós-tradicional, que rompe com as práticas e preceitos preestabelecidos, pode-se identificar a ênfase ao cultivo das potencialidades individuais, possibilitando ao indivíduo uma identidade móvel, mutável.(LUVIZOTTO, 2010, p.62)

É explícito a diferença, como o tradicional e o moderno são opostos, e seus objetivos são diferentes. Cada um volta sua atenção para um local. De acordo com Bauman "a ciência moderna nasceu da esmagadora ambição de conquistar a natureza e subordiná-la às necessidades humanas" (1999, p.48). A ciência é algo que surge muito forte, ao lado do novo, os cientistas se tornam pessoas muito importantes, respeitados e influentes, como é possível explorar na obra de Stoker. Além disso Stoker consegue diferenciar muito bem o tradicional do moderno.

Segundo Rodrigues,

explorando o livro de Stoker, o elo inglês com a região da Transilvânia estaria essencialmente embasado nos valores tradicionais, os pontos de contato seriam demonstrados pela oposição formada por estes. Seria um ambiente familiar ao leitor - pela tradição - enquanto seria uma temática com elementos novos - pela modernidade (2008, p.34).

Percebe-se como a obra de Stoker coloca a Transilvânia como símbolo de atraso. Pois, na década de 1850, enquanto a Inglaterra estava se consolidando como uma potência mundial, e já se utilizando do capitalismo, a Transilvânia ainda vivia sob regime de servidão e as propriedades rurais estavam concentradas pela nobreza rural. Isso cria uma abertura para o moderno que está surgindo com força, e deixa os demais que não estão passando por essas mudanças rapidamente de lado. A servidão na Romênia se encerra no final da década de 1860.

Não só a mudança do Conde Drácula da Transilvânia para Inglaterra resultou em um conflito entre um mundo ainda pautado em características medievais com um mundo moderno, industrial, como também confrontou o passado e o presente e as consequências de uma mistura desses dois tempos como um limbo" (RODRIGUES, 2008, p.35)

A obra mostra a luta do tradicional versus o moderno. O conde é o aristocrata com passado de glórias, mas que não tem mais espaço na sociedade, enquanto seus oponentes estão ao lado do novo, da ciência. A escolha de uma das casas de Drácula em Londres nos leva a pensar que ele queria ainda ser visto como um aristocrata, uma pessoa importante, pois a região de Picadilly é descrita por muitos autores como um local com mansões e onde a promiscuidade se disseminava, onde mulheres buscavam uma vida melhor, com dinheiro e luxo, para fugir do trabalho nas fábricas.

Jack London em seu livro "Povo do Abismo" retrata Londres no início do século XX, a pobreza e o isolamento das classes pobres, dos sem tetos, a indiferença da sociedade em relação a isso. Em um de seus relatos descreve a cidade tarde da noite, onde cita que "Picadilly, no entanto, não estava tão deserta.

"As ruas estavam iluminadas por mulheres bem vestidas e desacompanhadas, e ali havia mais movimentação por causa desse processo de procurar companhia" (2004, p.156).

No final do século XIX, Londres possuía um desenho proposital, como se a cidade possuísse as ruas como veias e artérias, que deveriam facilitar a circulação. As praças e parques deveriam ser espalhados para evitar aglomerações e assim a possibilidade de uma revolta. O único lugar em que se dava o convívio de pobres e ricos eram com os empregados domésticos, que moravam no mesmo bairro que seus patrões. Os ricos também tinham preferência pelas pessoas que vinham do interior, pois estes não tinham a "malícia urbana". A separação física entre as classes é evidente. No século XVIII essa diferenciação se acentua, pois com a aparição das primeiras praças, os urbanistas começam a empurrar os pobres para as periferias com demolições de casas e lojas mais humildes. Isso se intensifica a partir da metade do século XIX, pois Londres continuou a receber novas pessoas. Londres deveria ser um exemplo de cidade para a Inglaterra, onde a urbe era bem dividida e separada. Apesar das segregações, não houve nenhuma revolução, pois cada um vivia por si e não se importava com o outro.

Londres remanejou seu projeto, precisava fazer as pessoas circularem, deveria evitar aglomerações que poderiam resultar em revoltas. A modernidade e a vida

moderna precisavam de um transporte mais rápido, as estradas de ferro foram se ampliando rapidamente, e na cidade surgiu o metrô. Este revolucionou a circulação das pessoas, pois se podia ir de um lugar para outro rapidamente. O modelo era o parisiense.

De acordo com Bauman:

a modernidade é o que é - uma obsessiva marcha adiante - não porque sempre queira mais, mas porque nunca consegue o bastante; não porque se torne mais ambiciosa e aventureira, mas porque suas aventuras são mais amargas e suas ambições frustradas." (1999, p.18)

A modernidade é uma busca constante pelo aperfeiçoamento, pelo novo e nunca termina, não tem um ponto final. Uma sociedade planejada de forma racional. "O Estado moderno nasceu como uma força missionária, poselitista, de cruzada, empenhado em submeter as populações dominadas a um exame completo de modo a transformá-las numa sociedade ordeira, afinada com os preceitos da razão." (BAUMAN, 1999, p.29).

Marx nos traduz a modernidade em apenas uma frase: "tudo que é sólido desmancha no ar". A tradição se transforma, tudo que é conhecido agora não existirá mais. O sólido, o tradicional, tudo se desfaz, se desmancha nessa transição do antigo para o moderno. Um não anula o outro, mas o moderno é uma transformação do tradicional, contanto que este serve como base, pois sem o antigo não temos o novo. Berman se utiliza desta frase como título de um de seus livros, no qual expressa que "ser moderno é fazer parte deste universo no qual, como diz Marx, 'tudo que é sólido desmancha no ar' (2007, p.24). Berman nos mostra como muitas pessoas viam a modernidade como uma ameaça às suas tradições, à sua história, mas esta criou novas tradições. Ao longo do tempo o período moderno escreveu sua própria história.

A história da modernidade é bem vasta. Berman a divide em três fases:

Na primeira fase, do início do século XVI até o fim do século XVIII, as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna; mal fazem ideia do que as atingiu. Elas tateiam, desesperadamente mas em estado de semicegueira, no encalço de um vocabulário adequado; têm pouco ou nenhum senso de público ou comunidade moderna, dentro da qual seus julgamentos e esperanças pudessem ser compartilhados. Nossa segunda fase começa com a grande onda revolucionária de 1790. Com a Revolução Francesa e suas reverberações, ganha vida, de maneira abrupta e dramática, um grande e moderno público. Esse público partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas conclusões em todos os níveis de vida pessoal, social e política. Ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e

espirualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo e modernização. No século XX, nossa terceira e última fase, o processo da modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos nas artes e no pensamento. (2007, p.25-26)

A modernidade no século XIX tem um aspecto diferente, uma imagem desenvolvida com "engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíferas cidades que cresceram do dia para a noite" (BERMAN, 2007, p.28). O caso das cidades é algo predominante desta fase, com a área industrial se fortalecendo, assim como os meios de comunicação que se espalham em velocidade muito grande, como os jornais que agora circulam diariamente, o telégrafo e o telefone.

Thompson destaca três pontos principais em relação as mudanças associadas à era moderna ligada a uma nova ideologia surgindo com o capitalismo industrial.

1. O surgimento do capitalismo industrial na Europa e em outros lugares foi acompanhado pelo declínio das crenças e práticas religiosas e mágicas que era prevalentes em sociedades pré-industriais. O desenvolvimento do capitalismo industrial, em nível da atividade econômica, foi acompanhado, na esfera da cultura, pela secularização das crenças e práticas e pela progressiva racionalização da vida social. (THOMPSON, 2011, P.106)

Com estas mudanças, a vida social é toda reformulada. Com novas ideologias surgindo com ênfase em um mundo capitalista industrial, as crenças tradicionais, os valores cultivados até então não possuem mais o mesmo peso na sociedade. Com essa nova sociedade surgindo é preciso adaptar-se ao mercado, ao lucro, ao sistema de interesses que predomina.

2. O declínio da religião e da magia prepararam o campo para a emergência de sistemas de crenças seculares ou 'ideologias', que servem para mobilizar a ação política, sem referência a valores ou seres de outro mundo. A consciência religiosa e mítica da sociedade préindustrial foi substituída pela consciência prática enraizada nas coletividades sociais e animada pelos sistemas seculares de crenças. (THOMPSON, 2011, p.106)

As tradições tinham grande importância para a sociedade, mas com o êxodo rural, as pessoas se viram obrigadas a se deslocar para a cidade, para um novo

sistema, e a religião, as crenças, foram perdendo sua ênfase na nova vida urbana, industrializada, que visava o lucro, onde era “cada um por si”.

3. Esses desenvolvimentos deram lugar à ‘era das ideologias’, que culminou em movimentos revolucionários radicais no final do século XIX e começo do século XX. Estes movimentos – de acordo com alguns teóricos que escreviam na década de 1950 e 1960 – foram as últimas manifestações da era das ideologias. A política de hoje é cada vez mais um problema de reforma gradual e de acomodações pragmáticas de interesses conflitantes. A ação social e política é cada vez menos animada por sistemas seculares de crença que exigem mudança social radical (THOMPSON, 2011, p.106).

O desenvolvimento da comunicação em massa, os jornais e a imprensa ajudaram no desenvolvimento das ideologias, influenciando a vida das pessoas. O acesso à informação moldou a sociedade moderna, possibilitando o debate e a disseminação de novos estilos de vida.

Enquanto muitos autores trabalham com uma rápida transformação, Ortiz vem na contramão com um longo século XIX.

A própria Revolução Industrial é um processo lento e cumulativo, mesmo na Inglaterra, onde ocorreu na sua forma mais radical; as transformações pelas quais passam as sociedades europeias não se concretizam imediatamente, elas se distendem no tempo, estabelecendo algumas vezes uma continuidade com os parâmetros do Antigo Regime, em outras, rompendo com a tradição legada pelo passado. (ORTIZ, 1991, p.13)

A Revolução Industrial se destaca em meio às revoluções, como a Francesa que promove em meio à sociedade as medidas necessárias para o desenvolvimento do capitalismo. Novas formas de energia vão se introduzindo, as fábricas recebem máquinas mais complexas, se desenvolvem mais os ramos da construção e de metalurgia, assim como as ferrovias que se espalham pela Europa.

A Inglaterra possui uma rápida industrialização. Percebe-se que a imigração do campo para a cidade se dá de forma muito rápida, o que a torna o centro industrializado do desenvolvimento econômico. Enquanto a França vem em um processo mais lento, a emigração para as cidades se dá de forma demorada, baseando sua economia na produção agrária. A Revolução Industrial está muito associada à expansão das ferrovias, ponto em que é perceptível a diferença entre Inglaterra e França no século XIX.

Ortiz afirma, “Benjamin percebe que a modernidade encontra-se ancorada num substrato material, sem o qual ela não poderia se expressar”. (1991, p.29). A modernidade traz à tona um problema, o medo das multidões. As multidões assustam as autoridades, aglomerações podem se tornar manifestações, greves, reivindicações, quando muitas pessoas se unem, percebem que podem reivindicar direitos. Como Ortiz (1991, p.77) destaca, o que o mundo ocidental considera ideal é totalmente oposto a classe trabalhadora, que é associada a violência, a vulgaridade e promiscuidade. A multidão pode se rebelar contra o sistema imposto, e isto as classes divergentes não podem permitir. A multidão perde a racionalidade. Outro problema apresentado pela modernidade é o consumo, o luxo que “não somente priva o indivíduo de sua essência, como promove a separação entre as classes sociais” (ORTIZ, 1991, p.125). Surge por parte do mercado a questão do consumo trazer bem-estar, uma maneira de se produzir mais e vender mais. A eletricidade é um exemplo explorado por Ortiz para mostrar como a Revolução Industrial significa conforto.

O espaço da modernidade se desenvolve na cidade, que cresce e gera grande circulação de pessoas, assim como a circulação de notícias com os novos meios de comunicação como os telégrafos, telefone, imprensa e o deslocamento ferroviário. O trem é um objeto interessante a ser pensado como uma maneira rápida e barata para escoar mercadorias, tornando-se um dos meios de transporte mais importantes da modernidade. “A rapidez e a quebra das fronteiras representam o espírito de uma época; eles expressam uma aceleração da vida social” (ORTIZ, 1991, p.223). Há uma aceleração no ritmo da vida, as pessoas não possuem tempo, ele escoar pelas mãos rapidamente; o tempo tem preço, não se deve parar, é preciso trabalhar muitas horas para poder se manter e ainda descansar para o próximo dia. Mas em contraposição à toda pressa o transporte no meio urbano se dá de maneira lenta, com grande uso da tração animal. Como Ortiz (1991, p.227) afirma, “a grande cidade guarda um passo provinciano, um tempo lento que se contrapõe à rapidez de sua modernidade a vapor”.

As distâncias reais se encurtam, com o avanço nas comunicações. Em 1851 o telégrafo submarino é utilizado para ligar Paris e Londres. Há um progresso nas navegações com multiplicação das frotas marinhas. Em 1880 o mundo é global. Todas as partes tornavam-se conhecidas e mapeadas. Ferrovias e navegações a vapor reduziram as viagens a semanas.

“A modernidade é um modo de ser, uma sensibilidade. Em termos antropológicos eu diria, ela é uma cultura, uma visão de mundo com suas próprias categorias cognitivas.” (ORTIZ, 1991, p.263)

A modernidade não conhece fronteiras ou nacionalidades. Ela traz consigo os germes de uma ordem planetária. Não exclusivamente econômica, mas de um tipo de cultura que se expressa no lazer, na indústria cultural, no consumo, no turismo, nas cidades. Transformações que requerem uma nova concepção de espaço e de tempos mundiais. Entretanto, para se internacionalizar ela deve operar uma disjunção em relação à base material que lhe havia acompanhado. Uma ruptura entre modernidade e modernização se instaura (ORTIZ, 1991, p.267).

A modernidade transforma a sociedade, toda a organização desde a vida social e profissional agora é diferente. “O espírito moderno é correlato à modernização da técnica e da produção” (ORTIZ, 1991, p.267). Na modernidade está tudo interligado, as pessoas, a cultura, comunicação, transporte, tudo interage, tudo se modifica. É um período onde na história há uma ruptura: o medieval e o antigo dão lugar ao novo. Novas crenças e novas tradições se instauram, dando lugar a uma sociedade nova.



## 2 PROGRESSO CIENTÍFICO

O progresso é algo que surge na antiguidade, mas há vários tipos de progressos distintos, como o tecnológico e o moral. Le Goff (2003, p.237) nos traz a ideia de que na Antiguidade não havia um progresso definitivo como conhecemos hoje. A palavra em latim *progressus* significava avançar, era algo mais material, voltado para mudanças visíveis, avanços tecnológicos e científicos. Não havia um incentivo ao desenvolvimento, pois isso poderia levar à desordem e à corrupção. Apesar disso havia um tipo de progresso individual, daquele que almeja um futuro diferente, melhor. É possível ainda observar uma ideia negativa de progresso, como uma decadência moral. Se os deuses detinham todo o poder sobre suas vidas e eles que decidiam se você ganhava ou perdia, só havia mudanças se eles permitissem.

Podemos observar como se desenvolve a ideia de progresso na antiguidade.

Não é verdade que a ideia de progresso tenha sido inteiramente estranha à Antiguidade; mas só foi largamente aceita pelo público culto, durante um período limitado do século V.

Depois do século V, a influência de todas as grandes escolas filosóficas foi em vários níveis hostil ou impôs limites a tal ideia.

Em todos os períodos, as expressões mais claras dessa ideia referem-se ao progresso científico e emanam de sábios práticos ou de escritores científicos.

A tensão entre a crença no progresso científico ou tecnológico e na regressão moral encontra-se em numerosos escritores antigos – muito particularmente em Platão, Posidônio, Lucrécio e Sêneca. Há uma grande correlação entre a noção de progresso e a sua efetiva realização. Quando a cultura progride em várias frentes, como no século V a.C., a fé no progresso está muito difundida. Quando o progresso é sobretudo evidente em algumas ciências especializadas como no período helenístico, está fé encontra-se especialmente nos especialistas dessas ciências. Quando o progresso para, como nos últimos séculos do Império Romano, a esperança num futuro progresso desaparece (DODDS, 1973, p.24-25 Apud LE GOFF, 2003, p.239, 240).

Observa-se pela passagem que a ideologia de progresso está ligada ao desenvolvimento da ciência e da técnica. Le Goff (2003, p.240) afirma que com a ascensão do cristianismo e do feudalismo, há mais obstáculos para o progresso. O cristianismo traz a ideia de progresso moral, ligado à salvação: apenas essa ideia é válida. O feudalismo, aliando-se a isso, não deseja pessoas ambiciosas, apenas bons servos crentes em Deus que buscam a salvação sem pessoas tentando mudar o sistema pré-estabelecido. Ainda assim, surgem na Idade Média algumas ideias de progresso. Le Goff (2003, p.241) apresenta três exemplos disso:

a Escola de Chartres, em meados do século XII, o milenarismo de Joaquim da Fiore, em fins do século XII e início do XIII, e o de Roger Bacon, em meados do século XIII. Notar-se-á que estas obras se situam no momento culminante do crescimento da cristandade ocidental: apogeu econômico e técnico que vê os indícios do maquinismo com a difusão do moinho d'água (e depois de vento) e das suas aplicações, das novas técnicas de tecelagem, a grande onda de construções românicas e góticas, o desenvolvimento das cidades, o nascimento das universidades e da escolástica, as novas ordens medicantes.

Mas a ideia em si de progresso só se inicia no século XV com o surgimento da imprensa. Nesse período inicialmente o progresso estava ligado à questão científica. Apenas no século XVIII ela se espalha para todas outras áreas, como história, filosofia e economia política. Jean Bodin é quem reconhece realmente a ideia de progresso na história, rejeitando os modelos até então estabelecidos.

Bodin pensa, sem dúvida, que a história obedece uma lei de oscilações, de desenvolvimento seguido de declínio, dando lugar a uma nova fase de desenvolvimento, mas sem retorno ao ponto de partida, pois, através das séries oscilantes, há uma 'ascese gradual'. Este progresso contínuo é técnico, caracterizado nos tempos modernos por três invenções principais: a bússola, a pólvora e sobretudo a imprensa; mas é também de caráter moral, como testemunha por exemplo a abolição dos espetáculos de gladiadores, na época em que o paganismo antigo foi substituído pelo cristianismo. (LE GOFF, 2003, p.248-249)

Descartes tem um papel fundamental na constituição da ideia de progresso. Segundo Le Goff (2003, p.249) "Descartes lançou as bases da noção de progresso." Observou que a natureza segue leis, evidenciando a importância da ciência, afirmando um progresso científico e filosófico de modo contínuo. No final do século XVII essa noção de progresso se faz presente nos grandes debates de cunho literário, filosófico e artístico.

Todo este desenvolvimento trouxe esperanças de um futuro melhor, próspero. "O homem havia se libertado das limitações impostas pela natureza e pelas visões religiosas de outrora. A razão tornava-o senhor de seu próprio destino. Parecia não haver limites para a ciência e a tecnologia. Prometeu, enfim, fora desacorrentado." (BRAGA; GUERRA; REIS; 2011, p.21).

Apesar desse sentimento e da busca de um futuro melhor, milhares de pessoas que saíram do campo em busca de trabalho na indústria viviam em situação de miséria

nas grandes cidades durante o século XIX, trabalhando em fábricas apertadas, com muitas pessoas juntas por mais de 14 horas por dia e ganhando o que muitas vezes não dava nem para alimentar a família. As pessoas eram engrenagens no universo-máquina em que se inseriam. A matéria prima que estava em alta era o ferro e as minas de extração de carvão mineral ofertavam muito emprego para pessoas precisavam se submeter às terríveis condições de trabalho exigidas. Há muitas contradições entre o sonho do mundo moderno e a realidade da pobreza crescente. A ciência moderna estava inserida nesse contexto de melhorias tecnológicas, pois apesar desses avanços levarem à exploração de pessoas, eram vistos como a solução para a sociedade. A ciência era percebida como a causa e a solução dos problemas, com os mecanismos para a criação de uma nova sociedade.

Os filósofos naturais vinham desde o século XVIII afirmando que a ciência deveria expurgar todas as teorias que não podiam ser comprovadas, que eram baseadas em causas ocultas.

Isaac Newton (1642-1727) foi um dos primeiros filósofos naturais a negar o uso de hipóteses não comprovadas experimentalmente na construção das teorias (*hypoteses non fingo*). Os filósofos iluministas, herdeiros do pensamento newtoniano, tomaram essa questão como bandeira e passaram a condenar a presença de explicações metafísicas na prática científica, mesmo quando essas hipóteses resolviam alguns problemas básicos da ciência. No centro dessas discussões estavam fundamentos de importantes teorias, como a ação à distância entre massas proposta pelo próprio Newton, a ideia do flogístico proposta por Sthal (1660-1734), ou a de princípio vital para explicar a vida (BRAGA; GUERRA; REIS; 2011, p.25).

Houve muitas transformações importantes como a pilha de Volta<sup>3</sup> que revolucionou os conhecimentos sobre a química, a eletricidade e as correntes elétricas. Segundo Braga, Guerra e Reis (2011, p.63) o século XVIII teve também fortes influências da mecânica de Newton. A obra de Newton apresentou explicações para compreender o universo e isso influenciou não apenas no campo das ciências, mas a sociedade e a cultura. A lei da gravidade teve impactos em muitos campos; além da questão relacionada aos fenômenos do cosmos, ela tem relevância para fenômenos elétricos, microscópicos, químicos, entre outros. Segundo Braga, Guerra e Reis (2005, p.13) “o século XVIII foi o século da razão.” Quando surgiu a ciência moderna, houve uma mudança drástica que alterou todo o pensamento medieval de

---

<sup>3</sup> Primeiro gerador estático de energia elétrica a ser criado, tendo sido inventado por Alessandro Volta por volta de 1800.

características dogmáticas e místicas. Consolidou-se essa nova razão, com as máquinas tomando conta de tudo, com as invenções florescendo a todo instante. A ciência veio junto com a filosofia e a técnica. A sociedade de mercado, a base do capitalismo moderno, tem origem justamente com a Revolução Industrial e sua sociedade mercantil de maquinários mais complexos.

A Revolução Industrial foi meramente o começo de uma revolução extrema e radical, que transformou profundamente a sociedade, ao converter a humanidade e a natureza em mercadorias. Essa transformação, portanto, foi o esforço do progresso tecnológico. (WOOD, 2001, p.33)

Braga, Guerra e Reis (2005, p.15) nos resumem perfeitamente como o século XVIII é o pontapé inicial para toda uma mudança na sociedade. A Revolução Científica surge com o fim da Idade Média, mas ela vem se desenvolvendo, se expandindo. Inicialmente era apenas uma substituição da razão teológica que existia até então, por uma razão científica. Mas esta se espalha por diversos campos de conhecimento, surgindo uma ciência mecanicista. Troca-se a religião pela ciência moderna, fundamentada em provas. Com a Revolução Industrial, ganham destaque as máquinas a vapor e uma nova organização do trabalho.

A Primeira Revolução Industrial se iniciou com a construção de máquinas que ainda estavam ligadas a um saber teórico, que vinha da filosofia da natureza, e um saber empírico, que se liga ao trabalho de engenheiros. Ainda segundo Braga, Guerra e Reis (2011, p.15), “alguns industriais ingleses adquiriram fundamentos de mecânica teórica por meio de cursos itinerantes dados por professores da Royal Society inglesa”. Ainda assim, é possível observar que essa fase tem um suporte empírico. As máquinas a vapor surgiram apenas no final do século, quando modelos explicativos de seu funcionamento foram desenvolvidos pelos cientistas.

Na Segunda Revolução Industrial, os acontecimentos se deram de forma totalmente diferente. Se antes tivemos um lento desenvolvimento, agora a teoria e a prática se comunicam, acelerando os processos. É possível citar como exemplo Michal Faraday que, em 1831, apresentou sua teoria de indução eletromagnética para a Royal Institution. Em 1832 os primeiros motores elétricos já estavam sendo fabricados.

“Naquele momento, ciência e técnica já haviam se fundido, surgindo aquilo que conhecemos hoje como tecnologia, que emprega os métodos e as teorias da ciência na resolução de problemas técnicos.” (BRAGA; GUERRA; REIS, 2011, p.16). Essa junção, de extrema importância para o desenvolvimento da industrialização, começou na Inglaterra, mas se espalhou por todo o continente europeu.

A Inglaterra era uma potência no final do século XIX, mas os outros países vinham se desenvolvendo rapidamente. As distâncias foram encurtadas entre Grã-Bretanha e as nações que conseguiam a união entre prática e teoria. Já os ingleses, há um longo tempo, se baseavam no empirismo. A industrialização, contudo, desenvolvia outras potências emergentes, como a Alemanha e os Estados Unidos da América.

A Alemanha, país de unificação tardia, não possuía colônias para conseguir matérias primas, então focou-se na indústria química. Além deste ramo da produção, a Alemanha se destacou no ensino, que une a teoria e a prática. Um ensino técnico estava se desenvolvendo, através do qual os jovens eram formados para o mercado de trabalho, conforme a necessidade do país. Em 1810, a Universidade de Berlim sofreu uma reforma educacional, sendo seguida por outras universidades que foram se desenvolvendo com este princípio de união entre a pesquisa e o ensino. Em 1871 já estavam desenvolvidas as escolas de engenharia ligadas à indústria, que estava abrindo laboratórios e financiando pesquisas inovadoras. Muitos engenheiros acabaram criando indústrias para comercializar suas próprias invenções. Algumas das mais importantes na Alemanha são apontadas por Braga, Guerra e Reis (2011, p.17) que afirmam que

essa política educacional e de indústria deu surgimento a uma quantidade enorme de inventos que iam desde o motor à explosão interna, construído por Nikolaus Otto (1832-91), ao automóvel de Gottlieb Daimler (1834-1900) e Karl Benz (1844-1929), passando pelo dínamo elétrico de Werner von Siemens (1816-92).

A França no século XIX passou por momentos conturbados devido ao período revolucionário que viveu. Mas a França estava voltada para um projeto militar, que investia na educação primária voltada para a ciência. Houve também uma grande reforma urbana em Paris, que modificou toda sua estrutura. Já nos Estados Unidos, a

mecanização voltada para a agricultura dava o tom, desenvolvendo a indústria direcionada para esta área.

O desenvolvimento científico e o desenvolvimento industrial estão, desta forma, ligados. Um não pode mais ser pensado como algo evoluído sem o outro. É possível observar isso nas nações que prosperam, onde as duas esferas estão unidas. A indústria precisava da ciência para proporcionar soluções práticas, as universidades, por seu turno, trabalham com os problemas de época.

A ciência moderna traz à tona duas correntes de pensamento: o racionalismo “via no pensamento a única fonte confiável de conhecimento. Só na razão residiria a verdade universal” (BRAGA; GUERRA; REIS; 2005, p.39). A referência dos racionalistas neste contexto de ciência moderna era Descartes, que com a sua física mostrava que se devia usar a razão em sobreposição aos sentidos. O empirismo, por sua vez, defendia a “ideia de que todo saber só poderia provir dos sentidos, da experiência sensível” (BRAGA; GUERRA; REIS, 2005, p.39).

A literatura nos diz muito sobre a ciência moderna. No início do século XIX temos uma obra que se destaca dentro do que ficou conhecido como “Movimento Romântico”. A obra “Frankenstein”, da autora inglesa Mary Shelley, nos traz a história de Victor Frankenstein, um estudante de medicina que cria vida em um laboratório. Isso se passa na Alemanha do século XVIII, quando haviam estudos da utilização da eletricidade para geração da vida. Frankenstein consegue juntar as partes de diversos seres, formando um novo ser vivo. Gera-se então um conflito entre criador e monstro, que apesar de se confrontarem, se confundem entre si. O livro reflete a sociedade da época, pois a literatura, mesmo que de ficção ou de realismo fantástico, parte da sua realidade. Como podemos observar em “Drácula”, de Bram Stoker, a ciência busca se sobrepor ao tradicional, há uma luta da ciência contra a tradição, onde os cientistas representam os heróis e a verdade. O interessante em observar a obra de Stoker é como se dá essa luta entre a ciência, a razão e as crenças, pois ao mesmo tempo que vemos cientistas racionais utilizando-se dos meios modernos, como fonógrafo, trens ou medicina, a tradição está presente através do personagem Drácula, pois este é um ser sobrenatural e até mesmo os cientistas precisam se utilizar de superstições e crenças para vencê-lo. Isto também representa como a tradição está ainda ligada ao novo. É preciso compreender o velho para alcançar o novo.

De acordo com Braga, Guerra e Reis (2005, p.145) o século XVIII deixa como herança para a ciência uma tentativa de fundamentar o conhecimento da natureza unicamente à razão pura.

O século XVIII também assistiu a transformação da concepção mecanicista. O universo-máquina do século XVII tinha o relógio como modelo. Compreender o mundo era, para os mecanicistas, perceber as engrenagens no contexto de seu funcionamento dentro do mecanismo. Com o advento da Revolução Industrial, a concepção de máquina transformou-se. A máquina térmica ganhou importância no imaginário coletivo e tornou-se o símbolo do mecanismo oitocentista. Nela, o mais importante era compreender a mecânica por meio de fluxos e fluidos. Os filósofos naturais do século já contavam com ferramentas matemáticas suficientes para compreender a natureza dessa forma. (BRAGA; GUERRA; REIS; 2005, p.146).

“É aproximadamente correto fazer da indústria um critério da modernidade.” (HOBBSAWM, 2011, p.43). Há diferenças entre o mundo desenvolvido e o “atrasado” em relação aos meios de produção, pois os mais desenvolvidos possuíam uma sociedade industrializada e tecnológica, em contrapartida aos países basicamente agrícolas. Nos países mais desenvolvidos, o número de pessoas que viviam nas cidades era bem maior, a urbanização e a industrialização se tornaram símbolos da modernidade. Algo que se destacava na diferenciação do mundo desenvolvido era a alfabetização, que passou a apresentar índices bem superiores.

“Definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas, desenvolvidas e não desenvolvidas do mundo é um exercício complexo e frustrante, pois tais classificações são, por natureza, estáticas e simples, e a realidade que deveria se adequar a elas não era nenhuma das duas coisas. O que definia o século XIX era a mudança.” (HOBBSAWM, 2011, p.50). É complexo trabalhar com esta dualidade, pois como definir o que é desenvolvido e o que é atrasado? Quais meios utilizar? Apenas a economia pode ser a base? Devemos utilizar a questão populacional e urbana? Neste caso nos utilizamos da economia e do desenvolvimento industrial como critérios.

Em termos materiais, em termos de conhecimento e de capacidade de transformar a natureza, parecia tão patente que a mudança significava avanço, que a história – de todo modo a história moderna – parecia sinônimo de progresso. O progresso era medido pela curva sempre ascendente de tudo o que pudesse ser medido, ou que os homens escolhessem medir. (...) Era na tecnologia e em sua consequência mais óbvia, o crescimento da produção material e da comunicação, que o progresso era mais evidente. A maquinaria moderna era predominantemente movida a vapor e feita de ferro e aço. O carvão se tornara a fonte de energia industrial mais importante, fornecendo 95% do total da Europa (fora a Rússia). Os regatos de montanha da Europa

e da América do Norte, que inicialmente determinavam a localização de tantos cotonifícios – cujo nome evoca, em inglês, a importância da energia hidráulica – voltaram à atividade rural. Por outro lado, as novas fontes de energia, eletricidade e petróleo ainda não eram muito significativas, embora por volta dos anos 1880 a geração de eletricidade em grande escala e o motor de combustão interna estivessem começando a ficar viáveis. (HOBSBAWM, 2011, p.50-51).

Os trens são um produto da modernidade, pois no século XIX as pessoas e as matérias-primas se locomovem por vias férreas. Os trens representam a mudança, o desenvolvimento, o progresso. Os milhares de navios a vapor não tinham destaque em relação às ferrovias. Na segunda metade do século XIX os avanços tecnológicos ficam claros e evoluem rapidamente, surgem os motores de combustão interna, turbinas, telefone, lâmpadas elétricas e incandescentes. Em 1880 o automóvel se torna operacional, e ainda temos o cinematógrafo, o fonógrafo, a aeronáutica e a radiotelegrafia.

“Thomas Alva Edison, que montou o que foi provavelmente o primeiro laboratório privado de desenvolvimento industrial em 1876, em Menlo Park, New Jersey, tornou-se um herói americano com seu primeiro fonógrafo, em 1877.” (HOBSBAWM, 2011, p.53)

As mudanças são muito grandes, as invenções impressionam e se dão com rapidez, pois apesar de tanto tempo de pesquisa, muitas são apresentadas na mesma época. O fonógrafo é um item interessante a ser pensado a partir da obra de Bram Stoker, pois sua invenção se dá pouco antes da publicação do livro, o romancista já se utiliza dele, assim como apresenta um personagem americano como um de seus heróis no livro. Percebe-se a importância que os Estados Unidos tem em relação a obra, pois o personagem que representa este país dá sua vida para a salvação do mundo civilizado, questão que será abordada com mais ênfase no próximo capítulo. Voltando a questão do progresso, Le Goff (2003, p.235) afirma que,

A partir do final do século XVIII, a noção de progresso permaneceu confinada à Europa e aos Estados Unidos da América e, depois de 1867, ao Japão, até que o século XX levantou problemas relativos ao desenvolvimento do Terceiro Mundo. A ideia de reação como contraideologia do progresso aparece em 1796 e desenvolve-se no século XIX, como observa o Dictionnaire de la Langue Française de Littré (1863/1872), para designar as correntes de pensamento e de ação hostis à Revolução Francesa e à ideia de progresso social dela resultante.



Era possível visualizar o progresso na produção que se desenvolvia rapidamente, assim como na questão material e de comunicação. A Grã-Bretanha é o exemplo de país industrializado mais importante desta época, sendo o maior exportador e importador de produtos. Dominava o mercado mundial, abandonou a agricultura praticamente e se tornou uma potência econômica.

Era muito provável que uma economia mundial cujo ritmo era determinado por seu núcleo capitalista desenvolvido ou em desenvolvimento se transformasse num mundo onde os 'avançados' dominariam os 'atrasados'; em suma, num mundo de império. Mas, paradoxalmente, o período entre 1875 e 1914 pode ser chamado de Era dos Impérios não apenas por ter criado um novo tipo de imperialismo, mas também por um motivo muito mais antiquado. Foi provavelmente o período da história mundial moderna em que chegou ao máximo o número de governadores que se autodenominavam 'imperadores', ou que eram considerados pelos diplomatas ocidentais como merecedores desse título. (HOBSBAWM, 2011, p.97-98).

O mundo estava dividido pela questão econômica. O desenvolvimento significava progresso, era medido pelas transações econômicas, movimentação de dinheiro, comunicação e transportes.

A novidade do século XIX era que os não europeus e suas sociedades eram crescente e geralmente tratados como inferiores, indesejáveis, fracos e atrasados, ou mesmo infantis. Eles eram objetos perfeitos de conquista, ou ao menos de conversão aos valores da única verdadeira civilização, aquela representada por comerciantes, missionários e grupos de homens equipados com armas de fogo e aguardente. E, em certo sentido, os valores das sociedades tradicionais não ocidentais tornaram-se cada vez mais irrelevantes para sua sobrevivência, numa era em que apenas contavam a força e a tecnologia militar. (HOBSBAWM, 1917, p.132).

Outras duas novidades do século XIX são o proletariado e o nacionalismo. Há um aumento no número do proletariado, com as migrações para as cidades e para as indústrias. Há a transformação na produção manual das indústrias, com tecnologias, linhas de montagem e com isso a produção passa a ocorrer em grande quantidade. O proletário começou a se unir, a desenvolver um partido para lutar por seus direitos, pois percebem que a união os deixa mais fortes e que poderiam reivindicar direitos também. Em relação ao proletariado, Hobsbawm (2011, p.407) afirma que "...foram as certezas racionais da ciência do século XIX, inimiga da superstição e do privilégio, espírito que presidia a instrução e o esclarecimento, prova e garantia do progresso e da emancipação das classes menos favorecidas".

No final do século XIX podemos observar o avanço e força do nacionalismo, na política e ideologia. De acordo com Hobsbawm (2011, p.228),

A própria palavra 'nacionalismo' apareceu pela primeira vez em fins do século XIX, para descrever grupos de ideólogos de direita na França e na Itália, que brandiam entusiasticamente a bandeira nacional contra os estrangeiros, os liberais e os socialistas, e a favor daquela expansão agressiva de seus próprios Estados, que viria a ser tão característica de tais movimentos (...). A base do 'nacionalismo' de todos os tipos era igual: era a presteza com que as pessoas se identificam emocionalmente com "sua" nação e podiam ser mobilizadas, como tchecos, alemães, italianos ou quaisquer outras, presteza que podia ser explorada politicamente. A democratização da política e especialmente a das eleições oferecia amplas oportunidades para mobilizar as pessoas. Quando os Estados faziam isso, chamavam-no de 'patriotismo'.

A nação estava associada ao Estado. Nas novas características do final do século XIX, "a nação era a nova religião cívica dos Estados" (HOBBSAWM, 2011, p.237), pois estava tudo interligado: a democracia, o voto, a lealdade aos Estados e o nacionalismo. O patriotismo faz isso, de modo a tornar plausível o auto sacrifício pelo bem do país.

A revolução tecnológica do mercado de massas se desenvolvia rápido, mas os bens decorrentes desta revolução, tais como a difusão mecânica do som, produziam bens para poucos. Poucos conseguiam ter um fonógrafo, como podemos observar na obra "Drácula", de Bram Stoker, quando a personagem Mina Harker fica encantada por saber que o Dr. Seward possuía um. Mina descreve em seu diário "[...] na mesa a sua frente algo que reconheci por descrições como um fonógrafo. Nunca tinha visto aquilo e fiquei muito interessada" (STOKER, 2015, p. 280). Por esta passagem podemos observar que mesmo Mina sendo uma pessoa que frequentava muitos lugares da sociedade e seu marido sendo um advogado, ela nunca tinha visto um fonógrafo, que era uma invenção da época em que se passa a trama. Na obra podemos observar como os telegramas são muito utilizados pelos personagens para comunicação e como esta se dá de maneira rápida, pois observamos um personagem escrevendo em um dia e no seguinte o destinatário já está lendo. A imprensa em palavras impressas, como os jornais e panfletos, se desenvolve muito no final do século XIX. Em "Drácula" podemos observar isso também, principalmente nas estações de trens, onde os personagens sempre possuem um jornal com notícias locais, e nos próprios diários eram anexados matérias recentes de interesse dos personagens.

A escola possuía um papel fundamental para os governantes desta época, ao transformar pessoas em cidadãos fiéis, leais ao país e, portanto, aos governantes. A xenofobia era algo muito presente, pois os estrangeiros pobres que não pertenciam à nação incomodavam pelo simples fato de existirem. A burguesia não queria estas pessoas no seu país.

A verdadeira sistematização do preconceito de raça contra ‘eslavos, mediterrâneos e semitas’ nos EUA situa-se entre a população branca nativa, especialmente entre protestantes de fala inglesa das classes média e alta, os quais, nessa época, chegaram mesmo a inventar seu próprio mito heróico e nativista, o caubói anglo-saxão branco (felizmente não sindicalizado) dos amplos espaços – muito diferentes dos perigosos formigueiros das já inchadas grandes cidades. (HOBBSAWM, 2011, p.243).

Nesta passagem de Hobsbawm podem ser observadas duas questões que também estão ambientadas na obra de Stoker: o preconceito contra os eslavos (que pode ser identificado quando os personagens associam os eslovacos a Drácula, o vilão da História), e como ele escolhe homens eslovacos para fazerem o seu transporte, pois, como eram bárbaros, ninguém iria se aproximar deles para lhes indagar qualquer coisa. Outro ponto interessante é que apesar da obra ter sido escrita em Londres, representando a desenvolvida sociedade londrina em detrimento da Transilvânia, Stoker cria, como já comentamos, um de seus personagens principais na figura do Sr. Quincey Morris, que morre pela salvação de todos. Nas palavras da personagem Lucy, Morris “é um sujeito muito simpático, um americano do Texas, e parece tão jovem e cheio de vida que é quase impossível que tenha estado mesmo em tantos lugares e experimentado tantas aventuras” (STOKER, 2015, p.93). Podemos observar aí o típico cowboy americano, ilustrando assim quem são as figuras importantes do final do século XIX, como o citado americano, o advogado, o médico, e o cientista.

A xenofobia era sentida em todas as classes. A burguesia via os estrangeiros pobres como “bárbaros”. A classe proletária via a possibilidade de competição, ninguém os aceitava, e isso deixa a questão da nacionalidade mais premente, pois os imigrantes se apegavam entre si, buscando ajuda e proteção. Essa questão de solidariedade entre estrangeiros de mesma nacionalidade é abordada por Sidney Chalhoub, que analisa algumas de suas ocorrências na obra “Trabalho, Lar e Botequim”, e afirma que os casos por ele citados na obra “sugerem o papel fundamental

desempenhado pelas rivalidades nacionais e raciais em situações de trabalho”. Ainda afirma que há “uma forte tendência entre os imigrantes de mesma nacionalidade de se mostrarem solidários nessas ocasiões”. (CHALHOUB, 2012, p.94)

Para as mulheres esse processo de industrialização se deu como para os homens, na medida em que as mulheres saíam do campo para acompanhar seus maridos nas indústrias. A economia era masculinizada, assim como a política, mas as mulheres estavam ganhando espaço no mercado de trabalho e, a partir de 1870, recebendo o direito a voto. A situação se transformou para ambos os sexos, apesar de ser ainda uma sociedade masculinizada. A mulher foi para a indústria sustentar sua família, recebendo um salário muito menor que o homem.

No século XIX a população cresceu, pois continuaram altas as taxas de natalidade, enquanto as taxas de mortalidade caíram. Com a industrialização as pessoas migraram do campo para a cidade. Na segunda metade do século XIX a Inglaterra já possuía mais pessoas na região urbana do que na rural, havendo assim uma grande quantidade de mão-de-obra disponível para o desenvolvimento das fábricas.

O desenvolvimento dos meios de transporte diminuiu o tempo das viagens. “Barcos a vapor substituíram antigos veleiros, e redes de estradas de ferro passaram a interligar as cidades a partir da segunda metade do século XIX.” (BRAGA; GUERRA; REIS; 2011, p.21). Com isso os produtos chegavam mais rapidamente ao seu destino, o que revolucionou o comércio.

A ciência sofreu muitas transformações, seus estudos se modificaram, a ciência e a intuição foram separadas definitivamente. “Essas transformações científicas não teriam sido possíveis sem o desenvolvimento técnico da economia industrial, por exemplo, o advento da livre disponibilidade da eletricidade, a fabricação de bombas de vácuo adequadas e instrumentos precisos de medida.” (HOBBSAWM, 2011, p.390).

O século XIX consolida a ciência moderna, o desenvolvimento dos vários campos da ciência. A criação da indústria foi um advento que mudou a sociedade europeia e suas colônias. Inicialmente, a vida das pessoas se transformou devido a vários fatores, como o modo de trabalho que “teve na união entre ciência e técnica um de seus alicerces.” (BRAGA; GUERRA; REIS; 2011, p.15).

Louis Pasteur (1822-95), por exemplo, foi um químico que se inseriu nos debates teóricos e experimentais sobre a geração espontânea a partir de problemas industriais ligados ao fenômeno da fermentação. James Prescott Joule (1819-89) deu importantes contribuições à termodinâmica a partir de questionamentos levantados em sua fábrica de cerveja, que punha fartamente à sua disposição máquinas térmicas e motores elétricos. Aqueles considerados mais teóricos, como James Clerk Maxwell (1831-79), trabalharam sobre problemas teóricos gerados pela nova indústria eletrotécnica. (BRAGA; GUERRA; REIS; 2011, p.20).

Aconteceram diversas mudanças que afetaram todos os setores da sociedade, as invenções e descobertas surgiam a todo momento, novas tecnologias, meios de transportes e comunicações.

“O século XIX representou um divisor de águas. O modelo de ciência criado no século XVII e desenvolvido ao longo do século XVIII começou a ter alguns de seus fundamentos colocados em xeque a partir da segunda metade do século XIX.” (BRAGA; GUERRA; REIS; 2011, p.173) As transformações ocorridas nesses séculos são muito visíveis. Ainda segundo Braga, Guerra e Reis (2011, p.173), a visão que se tinha modificou-se para um Universo-Máquina, sendo alterado em cada nova invenção, o relógio mecânico primeiramente, com suas engrenagens, depois a máquina térmica e seus líquidos e vapores térmicos. Na física surgem estudos sobre o eletromagnetismo, que modifica a visão da natureza. Além disso podemos observar mudanças em outras áreas da ciência, como

Na biologia, a nova teoria evolucionista criada por Darwin, além de redefinir o papel do homem no planeta, começava a questionar uma série de fundamentos presentes em diversas teorias científicas existentes a séculos. O caráter determinístico, próprio do mecanicismo, não se encaixava no mundo microscópico. Os novos campos da investigação apontavam para uma ciência de cunho probabilístico, em que a descrição matemática do fenômeno se tornava mais importante que a compreensão de sua essência. (BRAGA; GUERRA; REIS; 2011, p.173-174).

No final do século XIX, as ciências buscavam novos caminhos. Entretanto no âmbito “social acontecia exatamente o contrário. O final do século XIX significou o auge da crença no progresso impulsionado pela ciência e sua mais nova aliada, a tecnologia.” (BRAGA; GUERRA; REIS; 2011, p.174)

A ideia de progresso vai se modificando, se adequando a cada época, aos diferentes pensadores. Com o século XVIII e XIX veio a ideia de um progresso ligado ao desenvolvimento da indústria juntamente com a Revolução Industrial. Em certo

ponto o progresso e a religião se conciliaram no Romantismo, mas com o advento da ciência pautada na verdade regida pela razão, eles se separaram. Há muitas mudanças em processo. Com o desenvolvimento tecnológico e científico, que levou ao desenvolvimento das indústrias, a sociedade mudou a visão de si, trazendo outras perspectivas a serem analisadas. Com a modernidade, a sociedade aboliu toda a escravidão dentro do Europa, apesar do trabalho nas fábricas serem em péssimas condições e salários que mal davam para se alimentar, as pessoas eram pagas.

O progresso científico é muito visível na obra *Drácula* é muito clara a visão que o autor tem da sociedade, onde figuras como os cientistas e médicos possuem a solução para todos os problemas, mesmo aqueles que vão além da compreensão humana. A ciência é uma das bases da obra, ao mesmo tempo em que presenciamos que a religião tem forte apelo entre os personagens. Mas da mesma forma crenças e superstições inicialmente absurdas, poderiam ainda se revelar verdadeiras.

### 3 CIVILIZAÇÃO OU BARBÁRIE

A obra “Drácula” de Bram Stoker nos traz uma forte caracterização da civilização e da barbárie como opostos, que são bem distintos pelos personagens que representam a civilização, estabelecida em Londres, e a barbárie, identificada com a Transilvânia. A palavra civilização “foi criada a partir de ‘civilizado’ e ‘civilizar’, que já existem desde há muito e são usuais no século XVI.” (BRAUDEL, 2004, p.25) Em torno de 1732 o termo civilização é utilizado para tornar-se um ato de justiça ou julgamento de um processo criminal para o civil.

A expressão moderna, no sentido de “passagem ao estado civilizado”, vem mais tarde, em 1752, sob a pena de Turgot, que então preparava uma obra sobre a história universal, mas ele próprio não a publicara. A entrada oficial da palavra num texto impresso é assinalada sem dúvida com a publicação do *Traité de la population* (1756) de Mirebeau, o pai do tribuno revolucionário: trata-se aí dos “móveis da civilização” e até do “luxo de uma falsa civilização”. (BRAUDEL, 2004, p.25-26).

A civilização possui muitas faces. Pode-se utilizar esta palavra para justificar a superioridade de um país, cultura e sociedade em detrimento de outra. Isto se expressa claramente na obra de Stoker.

Em seu novo sentido, civilização se opõe, de um modo geral, à barbárie. Existem de um lado os povos civilizados e do outro os povos selvagens, primitivos ou bárbaros. (...) não há dúvida de que nessa nova palavra, civilização, a sociedade francesa do fim do reinado de Luís XIV vê com satisfação seu próprio retrato, que, aliás, ainda hoje nos pode seduzir à distância. Em todo caso, a palavra surgiu porque dela se tinha necessidade. Até então, poli, policé, civil, civilisé (aplicadas a quem possuía boas maneiras e prática da alta sociedade) não correspondiam a nenhum substantivo. A palavra police [polícia] tinha antes o sentido de ordem social, o que afastava bastante do adjetivo poli [polido], que o *Dictionnaire universel de Furetière* (1690) define como segue: ‘Diz-se figuradamente em moral e significa civilizado. Civilizar, polir os costumes, tornar civil e social... Nada mais próprio para civilizar e polir um rapaz do que a conversação das senhoras.’ (BRAUDEL, 2004, p.26).

A barbárie é apresentada como algo totalmente negativo, como o atraso, algo mais tradicional, que não se insere no mundo desenvolvido. Pois este é o termo utilizado pelas potências para subjugar os que não estão dentro de suas normas do que é considerado correto. De acordo com Braudel (1995, p.78) os “civilizados” se utilizam do termo ‘bárbaro’ quando perdem. “Para um grego, é bárbaro quem não for grego; para um chinês, quem não for chinês; e essa foi a grande desculpa da

colonização europeia no passado, a de levar 'civilização' aos bárbaros e aos primitivos." Assim, o termo "bárbaro" é utilizado pelos "civilizados", e é atribuído da forma que estes desejam.

Podemos observar já no início do livro "Drácula" como o autor Bram Stoker situa e distingue Londres e a Transilvânia, com diferenças marcantes, pois antes do personagem Jonathan Harker ir para a Transilvânia, para o Castelo do Conde Drácula, ele vai ao Museu Britânico fazer uma pesquisa e, segundo seu relato:

"Descobri que o distrito que leva seu nome fica no extremo oriente do país, na fronteira de Três estados, Transilvânia, Moldávia e Bucovina, em meio as montanhas dos Cárpatos; uma das regiões mais selvagens e menos conhecidas da Europa." (STOKER, 2015, p.28) Ainda segundo seu relato, o personagem Jonathan afirma:

Não consegui encontrar em nenhum mapa ou livro a localização exata do castelo do Drácula, uma vez que não existem mapas desse país comparáveis aos da nossa Ordnance Survey; mas apurei que Bistritz, o entreposto postal referido pelo conde Drácula, é um lugar bem conhecido. (STOKER, 2015, p.28).

É perceptível através da leitura a diferenciação entre as regiões, assim como a diferença entre o ocidente e o oriente quando o personagem Jonathan cita: "Parece-me que quanto mais orientais, menos pontuais são os trens. Como não devem ser os da China?" (STOKER, 2015, p.29). A diferenciação de Londres e Transilvânia, como opostas aparece em muitos momentos na obra, como na fala do próprio Conde Drácula, "Estamos na Transilvânia, e a Transilvânia não é a Inglaterra. Nossos costumes não são os seus costumes, e haverá muitas coisas que você achará incomuns" (STOKER, 2015, p.50) A imagem da Transilvânia vai se construindo desde o início, quando o personagem Jonathan Harker escreve em seu diário, "Li que todas as superstições conhecidas no mundo estão reunidas na ferradura dos Cárpatos, como se o lugar fosse o centro de alguma espécie de redemoinho imaginativo;" (STOKER, 2015, p. 29)

Voltando para a questão dos bárbaros, podemos observar como Jonathan se refere às pessoas que vivem na Transilvânia e região: "As figuras mais estranhas que vimos foram os eslovacos, que eram mais bárbaros que os demais..." (STOKER, 2015, p.30) "São muito pitorescos, mas não parecem simpáticos. No teatro, dariam um perfeito bando de salteadores orientais. Mas, segundo me disseram, são bastante



inofensivos, faltando-lhes até mesmo alguma assertividade natural.” (STOKER, 2015, p.30). Podemos observar nestas frases um certo preconceito contra os eslovacos (eslavos) e contra os orientais, bem como a forma com que a sociedade inglesa estava com esta imagem estabelecida no seu imaginário.

Observa-se pela escolha dos personagens que Stoker apresenta em seu livro como heróis e vilões, que ao lado da civilização representada pela sociedade vitoriana do Reino Unido, há apenas intelectuais importantes da sociedade, enquanto o vilão é o estrangeiro, o desconhecido vindo da Transilvânia, terra de superstições e mitos. Os Heróis são Jonathan Harker, o primeiro personagem do livro, um advogado socialmente pouco influente no início, pois era apenas um assistente num escritório de advocacia. Mas logo na viagem para a Transilvânia, o próprio personagem diz ser, “Advogado, pois antes de sair de Londres fui informado de que havia passado no exame e sou agora um advogado com plenos poderes.” (STOKER, 2015, p.44). Após sua volta, se torna sócio da firma de advogados para a qual trabalha e então herda uma fortuna do sócio, se tornando uma figura importante perante a sociedade.

Outro personagem é Dr. John Seward, nas palavras da personagem Lucy, “Excelente partido, bonito, rico e bem-nascido. Médico e muito inteligente” (STOKER, 2015, p.90). Este personagem administra um manicômio, que faz divisa com uma das propriedades do Conde Drácula. Como podemos observar na citação, é alguém importante perante a sociedade, com influência, além de ser um profissional talentoso, sendo o primeiro da classe e tendo salvo já a vida de seu professor Van Helsing.

Dr. Van Helsing, médico e professor, “É um filósofo, um metafísico e um dos mais avançados cientistas da atualidade, além de possuir uma mente absolutamente aberta...” (STOKER, 2015, p.157). Outra descrição em que aparece seus títulos, “Carta de Abraham Van Helsing, doutor em Medicina, doutor em Filologia, Doutor em Letra etc. etc. ao Dr.Seward” (STOKER, 2015, p.158). As características físicas do Dr. Van Helsing são descritas pela personagem Mina,

Ele veio em minha direção, um homem de porte mediano, forte, com os ombros erguidos sobre um peito largo, e o pescoço bem equilibrado no tronco, assim como a cabeça sobre o pescoço. A postura da cabeça me impressionou de imediato, pois indicava tanto inteligência quanto força. A cabeça é nobre, de bom tamanho, grande atrás das orelhas. O rosto, bem escañoado, exibe um queixo duro, quadrado, uma boca grande e resoluta, flexível, e um nariz considerável, reto, mas com narinas ágeis e sensíveis que parecem se abrir quando as sobrancelhas fartas descem e a boca retesa. A testa é larga e bem talhada, erguendo-se a princípio quase linear e então se

curvando para trás no alto de duas calosidades ou protuberâncias bem afastadas; uma testa que o cabelo arruivado jamais poderia cobrir, mas que faz com que ele caia naturalmente para trás e pelos lados. Os grandes olhos azuis e escuros são bem afastados e se alternam entre vivazes, ternos e austeros, conforme os humores do homem. (STOKER, 2015, p.236)

Foi professor do Dr. Seward, sendo muito admirado por este e diversas vezes elogiado por seu grande intelecto. Esta personagem é o líder do grupo de heróis que lutam contra Drácula, é quem comanda as reuniões, parece ser o mais erudito entre eles pois sempre tem a solução para as tarefas mais difíceis.

Quincey Morris, “É um sujeito muito simpático, um americano do Texas, e parece tão jovem e cheio de vida que é quase impossível que tenha estado mesmo em tantos lugares e experimentado tantas aventuras.” (STOKER, 2015, p.93). Um rapaz jovem e forte, cheio de energias, corajoso. Nas palavras de Van Helsing, “Que bom sujeito esse Quincey!... Se a América continuar produzindo homens como ele, será sem a menor dúvida uma potência mundial.” (STOKER, 2015, p.227). Este personagem é bem interessante, pois é um americano, em um período em que a América, mais precisamente os Estados Unidos, está se desenvolvendo rapidamente, subindo como potência, está se destacando perante a Europa, a criação deste personagem deixa claro a importância dos EUA e como eles estão ingressando no mundo civilizado.

Sr. Arthur Holmwood, “o honorável Arthur Holmwood, filho único de Lorde Godalming.” (STOKER, 2015, p.111). Inicialmente apenas Arthur, mas com a morte de seu pai se torna Lorde, uma figura muito importante, da nobreza, extremamente influente, conhecido pela sociedade. Em muitos casos sua posição na sociedade ajuda aos personagens. Como quando Jonathan buscava saber mais informações sobre uma propriedade comprada pelo conde Drácula, mas sem sucesso. Quando menciona que vem da parte do Lorde Godalming, o tratamento já muda e o escritório fornece as informações que possuíam. Quando pretendem entrar em uma das casas de Drácula, em Picadilly, lugar muito movimentado de Londres, é ele que vai pedir a um chaveiro para abrir a casa, pois ninguém desconfiaria que a casa não fosse dele.

É interessante observar como o autor se utiliza destes personagens, os heróis da civilização perante a barbárie, ao caos que o Conde Drácula traz. São pessoas influentes da sociedade, médicos, advogado, a nobreza, o playboy americano. Em

contrapartida temos estrangeiro perigoso, que vem destruir a sociedade como a conhecemos.

Conde Drácula, nosso vilão, nas palavras de Jonathan Harker,

Era um rosto forte, muito forte, aquilino, com um nariz fino de ponte alta e narinas arqueadas de maneira peculiar, testa ampla e abaculada, e cabelos escassos nas têmporas mas abundantes no resto da cabeça. As sobrancelhas eram bem espessas, quase unidas sobre o nariz, com pelos bastos que pareciam encaracolar tamanha sua profusão. A boca, pelo que pude ver sob o bigode grosso, era rígida e parecia até cruel, com dentes particularmente pontiagudos e brancos. Estes ressaltavam por sobre seus lábios, cujo notável rubor demonstrava uma impressionante vitalidade para um homem daquela idade. De resto, as orelhas eram pálidas e extremamente pontudas no alto. O queixo era largo e forte, e as maçãs firmes, embora magras. O efeito geral era de extraordinária palidez. (STOKER, 2015, p. 46-47)

Um ser cruel que buscava vítimas, e que vai para Londres por ser um lugar movimentado, com muitas pessoas, onde seus atos não seriam notados em meio ao turbilhão. Afinal ninguém repararia em um estrangeiro. Ainda mais por que a personagem buscou estudar tudo sobre o país e sua língua, possui muitos livros sobre a Inglaterra, e fala fluentemente inglês. Jonathan descreve a biblioteca do Conde onde ele buscou seu conhecimento, antes de seguir para Londres.

Na biblioteca encontrei, para meu prazer, uma vasta quantidade de livros ingleses, prateleiras inteiras cheias deles, e volumes encadernados de periódicos. Uma mesa no centro repleta de revistas e jornais ingleses, embora nenhum fosse muito recente. Eram livros dos mais variados gêneros – história, geografia, política, economia política, botânica, geologia, direito – todos relacionados à Inglaterra e à vida e aos hábitos e costumes ingleses. (STOKER, 2015, p.49)

Uma personagem que se destaca na obra e que marca a presença feminina: Mina Murray, inicialmente a partir do capítulo 9, quando se casa com Jonathan, se torna Mina Harker. Nas palavras do Dr. Van Helsing, “Ela é uma das mulheres de Deus, feitas pelas mãos Dele para nos mostrar, aos homens e às outras mulheres, que há um Céu onde podemos entrar, e que a luz pode existir aqui na terra” Aqui já é possível ver que a mulher deve ser devota e que deve seguir um padrão, pois ele nos fala das outras mulheres, então significa que as que não seguem o padrão de esposa dedicada e devota não são dignas. “Tão sincera, tão meiga, tão nobre e altruísta, e isso, devo dizer, é muito nesta época tão cética e egoísta...” (STOKER, 2015, p.243) A mulher era vista como um ser frágil, que não aguentava receber impactos, como

podemos observar no momento em que a jornada contra Drácula se inicia e ela é retirada das conversas dos homens, pois era algo muito perigoso para uma mulher participar, como a fala de Van Helsing descreve: “Somos homens, capazes de suportar, mas a senhora será a nossa estrela-guia e nossa esperança, e vamos ficar mais à vontade sabendo que está a salvo, ao contrário de nós” (STOKER, 2015, p.306). Ainda se referindo à mulher, podemos observar como a mulher não é vista como inteligente, independente, simplesmente deve servir ao homem, ao marido. O homem é o ser inteligente e forte, enquanto a mulher pensa com o coração, é frágil. Ainda nas palavras do personagem Van Helsing: “Ah, a magnífica madame Mina! Ela tem o cérebro de um homem... um cérebro que, fosse o de um homem, faria dele um sujeito brilhante... e o coração de uma mulher.” (STOKER, 2015, p.297) Isso nos mostra como ainda se tinha a visão que associava a mulher ao coração, que age com impulso, com sentimentos, enquanto o homem era o cérebro, pensava antes de agir, era mais inteligente, eram ligados à razão e à ciência. Como podemos observar, a mulher era a vítima, enquanto os homens da ciência eram os heróis que lhe salvariam.

As dualidades são muito presentes em Stoker. Na fala do Conde Drácula observa-se a oposição do antigo e do moderno, muito bem descritos pelos personagens. “O século XIX já vai bem adiantado. E, no entanto, a não ser que meus sentidos me enganem, os séculos antigos possuíam, e possuem, uma força própria que a mera ‘modernidade’ não consegue destruir” (STOKER, 2015, p.69). O conde representa o antigo, o tradicional, enquanto os heróis da obra representam a modernidade, o novo. Esses conflitos presentes na obra existem desde muito antes. O Conde Drácula vem de uma sociedade mais tradicional, sendo que ele tem um poder maior por sua posição, pois ele é um voivoda<sup>4</sup>, alguém importante na sociedade, da nobreza. Nas suas próprias palavras, “aqui sou nobre. Sou um boiardo. O povo comum me conhece como seu senhor.” (STOKER, 2015, p.49) Mas ele demonstra certo medo de perder essa superioridade, pois busca aprender o idioma e pretende falar de forma que ninguém consiga caracterizá-lo como estrangeiro. Como Le Goff (2003, p.175) afirma, “nas sociedades ditas tradicionais, a Antiguidade tem um valor seguro; os antigos dominam, como velhos depositários da memória coletiva, da autenticidade e

---

<sup>4</sup> Título recebido pelo comandante militar ou governador da cidade, na Transilvânia muitas vezes igualava-se ao poder de um monarca, utilizado na principalmente na Idade Média.

da propriedade.” Ainda segundo Le Goff (2003, p.173), essa dualidade está mais relacionada ao Ocidente, apesar de haver situações análogas em outras civilizações.

A oposição antigo/moderno desenvolveu-se num contexto equívoco e complexo. Em primeiro lugar, porque cada um dos termos e conceitos correspondentes nem sempre se opuseram um ao outro: “antigo” pode ser substituído por “tradicional”, e moderno, por “recente” ou “novo” e, em seguida, porque qualquer um dos dois pode ser acompanhado de conotações laudatórias, pejorativas ou neutras. (LE GOFF, 2003, p.174).

Na obra “Drácula”, Stoker expõe claramente essa dicotomia do moderno e do antigo. Os modernos são vistos como os heróis, que lutam para manter a salvo a civilização da ameaça do desconhecido, do que vem para impedir o progresso. A sociedade vive em constante debate com o passado, muitas vezes um passado bem recente. A Londres do final do século XIX se modificava rapidamente, e não era aceitável regredir, voltar a métodos mais tradicionais; o novo estava chegando e era preciso se adaptar às novas regras da sociedade.

Os modernos são em geral superiores aos antigos: esta proposição é ousada no seu enunciado e modesta no seu princípio. É ousada, na medida em que ataca um velho preconceito; é modesta, na medida em que faz compreender que não devemos a nossa superioridade a medida própria do espírito, mas à experiência adquirida com os exemplos e as reflexões dos que nos precederam. (LE GOFF, 2003, p.184).

Como é notável na obra de Stoker, os personagens precisam buscar entender quem o Conde é, de onde vem e o que deseja. É preciso compreender o tradicional, para saber como agir diante dele e a partir do novo. O novo surge a partir dos conhecimentos obtidos com o tradicional, está tudo interligado.

Stoker inicia sua obra se utilizando de uma novidade da modernidade: a taquigrafia, como nota-se na expressão “Diário de Jonathan Harker (em taquigrafia)” (STOKER, 2015, p.27). Essa técnica de escrita, também chamada de estenografia, tem origem na Inglaterra em 1837, inventada por Isaac Pitman. Consiste em uma técnica que em vez de letras se utiliza de fonemas que representam palavras. Outra novidade utilizada pelo personagem Jonatha Harker é a câmera Kodak, inventada em Nova York por George Eastman em 1888. Em 1891 foi desenvolvido um modelo mais barato e, em 1895, um modelo portátil. “Não pude entrar na capela, pois não tinha a chave da porta que dava acesso a ela a partir da casa, mas fiz algumas imagens de diversos ângulos com a minha Kodak.” (STOKER, 2015, p.53)

A máquina de escrever também é uma invenção da modernidade, que é utilizada e citada na obra. Apesar de ser inventada já em 1714, por Henri Mil, ela teve muitos aprimoramentos no século XIX. A personagem Mina Murray (Mina Harker, após seu casamento com Jonathan Harker) relata em uma carta para sua amiga Lucy, “Tenho trabalhado duro ultimamente, pois quero acompanhar os estudos de Jonathan, e tenho treinado bastante taquigrafia. Quando casarmos, poderei ser útil a ele, e se ficar boa o bastante vou poder anotar o que ele diz e datilografar para ele à máquina.” (STOKER, 2015, p.89)

Além da taquigrafia como meio de registro dos diários no livro, o fonógrafo é utilizado pelo Dr. Seward. O fonógrafo foi inventado por Thomas Edison em 1877, e foi o primeiro aparelho capaz de gravar e reproduzir sons através de cilindros. Inventado apenas 20 anos antes do livro ser lançado, era uma novidade da época. “Diário do Dr. Seward (gravado em fonógrafo).” (STOKER, 2015, p.96) Esta é a primeira vez que Stoker cita o fonógrafo no livro, mas ele aparece em outras situações, como na ocasião em que Mina vai até o escritório do Dr. Seward e fica encantada com o instrumento utilizado por ele para registrar seu diário, pois é a primeira vez que o vê. “Estava sozinho e tinha na mesa a sua frente algo que reconheci por descrições como um fonógrafo. Nunca tinha visto aquilo e fiquei muito interessada.” (STOKER, 2015, p.280) Mas o modelo do fonógrafo do Dr. Seward não é o mais recente da década de 1890, pois já era reproduzido com uma espécie de cone, enquanto o aparelho citado na obra tem um garfo ainda, como podemos observar: “Aproximei o garfo de metal dos meus ouvidos e escutei” (STOKER, 2015, p.284) Mas também não era o primeiro modelo pois os cilindros eram removíveis, sendo que o primeiro modelo de fonógrafo apresentava cilindros fixos, e o Dr. Seward retira os cilindros guardados de uma gaveta quando deixa Mina ouvir. Era, portanto, um fonógrafo da década de 1880.

Enquanto isto, o Conde se utilizava apenas de cartas para a comunicação. “Enquanto falava, o conde me passou três folhas de papel e três envelopes. Eram finíssimos envelopes para correspondência internacional...” (STOKER, 2015, p.65) Há outras passagens em que as cartas são citadas como comunicação pelo Conde: “Na noite passada, o conde me pediu, com a voz mais suave, que escrevesse três cartas...” (STOKER, 2015, p.75).

Outro meio de comunicação que era novidade, era o telefone, inventado pelo italiano Antonio Meucci em 1860 e patenteado nos Estados Unidos em 1876 pelo

escocês Alexandre Graham Bell. “Eles verificaram a transação em seus diários e registros de correspondência e telefonaram na mesma hora para o escritório de King’s Cross, para obter mais detalhes.” (STOKER, 2015, p.288)

Os meios de transportes utilizados giram bastante em torno dos trens. As ferrovias se desenvolviam rapidamente no final do século XIX, e se espalhavam por toda a Europa. “Em seguida, o senhor pode tomar o trem expresso das 15h34, que vai deixá-lo em Paddington antes das oito da noite.” (STOKER, 2015, p.241) Paddington é uma estação de trem em Londres, um dos principais terminais do metrô, serviu como estação terminal da Great Western Railway, e recebeu o primeiro sistema de metrô do mundo, inaugurado em 1863. Pensados para diminuir o fluxo de trânsito da cidade, os trens a vapor acabaram não sendo tão agradáveis devido ao mal-estar causado pela fumaça. A partir de 1890 as linhas de metrô passaram a ser eletrificadas o que tornou o transporte muito melhor. Os personagens viajam através do Expresso do Oriente, uma linha de trem entre Paris e Viena, criado em 1882 por George Nagelmackers. O trajeto consistia em sair de Paris à Viena, em seguida ia por Budapeste, Bucareste e Giúrgia. Então uma balsa atravessava o Danúbio para Ruse, Bulgária. Ali um trem levava a Varna, destino de nossos personagens. Como podemos observar no relato de Jonathan Harker já em Varna, “Partimos de Charing Cross na manhã do dia 12, alcançamos Paris na mesma noite e embarcamos nos lugares reservados para nós no Expresso Oriente. Viajando noite e dia, chegamos aqui (Varna) por volta das cinco horas da tarde.” (STOKER, 2015, p.410-411)

É notável como Stoker se utiliza de lugares, jornais e pessoas reais para compor seu livro, o que deixa a leitura mais interessante, como se estivesse se passando os acontecimentos enquanto ele escreve. Por exemplo, os jornais aparecem muito, são citados vários, alguns fictícios e outros que circulavam na época.

Stoker se utiliza do “Daily Telegraph”, que foi o primeiro jornal de um penny de Londres, um jornal de cunho sensacionalista, bem popular, fundado em 1855 e que tem grande número de vendas ainda hoje. O The Pall Mall Gazette é outro jornal real citado ao longo da narrativa. Stoker cria uma matéria que é atribuída a este jornal. Fundado em 1865, era um jornal vespertino, tornou-se um jornal de um penny em 1883, devido ao apelo popular. Outro jornal ao qual é atribuída uma matéria é o “The Westminster Gazette”. Este era conhecido por ser liberal, com publicações de histórias

e contos, certamente o motivo pelo qual Stoker o escolheu para contar a história, que foi considerada ao menos estranha, de crianças que sumiam e apareciam no outro dia com duas feridas no pescoço, dizendo que estavam com a “bloofer lady”. “THE WESTMINSTER GAZETTE 25 de setembro. Edição extraordinária especial. Horror em Hampstead. Outra criança ferida. A ‘Bloofer Lady’” (STOKER, 2015, p.231).

Stoker trabalha muito com lugares reais. Além de Londres e da Transilvânia, utiliza a cidade de Whitby, que ele mesmo visitou. É uma cidade antiga, turística e pitoresca. Cita a Abadia de Whitby e a igreja de St. Mary, que são locais históricos e antigos da Inglaterra. Estes lugares são importantes para o desenrolar da trama, sendo o primeiro lugar em que Drácula aparece na Inglaterra quando ataca Lucy, sugando seu sangue enquanto ela estava em estado de sonambulismo. Outros lugares reais são citados, como por exemplo:

A tarde de sábado foi clara como nunca, e um grande número de veranistas aproveitou o dia de ontem para visitar Mulgrave Woods, Robin Hood's Bay, Rig Mill, Runswick, Staithes e os diversos destinos turísticos de Whitby. (STOKER, 2015, p.115)

Além disso há parques em que os personagens passam e descrevem que são reais, como o Hyde Park Corner, um grande parque de Londres, muito frequentado e animado, dos mais elegantes. “Voltamos em silêncio para o centro da cidade, tomando uma condução até Hyde Park Corner.” (STOKER, 2015, p. 225) Outro parque citado é o Green Park, que é outro parque de Londres com uma grande área verde, que fica entre Picadilly e o Palácio de Buckingham. Um lugar interessante citado é o “Junior Constitutional” um clube de cavalheiros, fundado em 1887, e que na época em que o livro foi publicado já possuía mais de 5500 membros. Ficava no número 101 da Piccadilly. Jonathan descreve, “Em Piccadilly Circus, saltei do fiacre e caminhei para oeste. Depois do Junior Constitutional, deparei com a casa descrita...” (STOKER, 2015, p.332)

A ciência e as novas tecnologias estão aflorando no século XIX, e a medicina é algo que vem se destacando. Como pudemos observar, a obra conta com dois médicos como parte dos heróis. Muitas técnicas e medicamentos são demonstradas e utilizadas ao longo do livro. “Se não dormir logo, recorrerei ao cloral, o morfeu dos tempos modernos:  $C_2HCl_3O + H_2O!$ ” (STOKER, 2015, p.145) Este foi o primeiro narcótico para dormir, descoberto por Justus Von Liebig em 1832, e possuía uma ação



rápida. Outra técnica utilizada diversas vezes pelos médicos é a transfusão sanguínea. “Meu amigo John e eu a examinamos, e agora vamos fazer o que chamamos de transfusão sanguínea: transferir sangue das veias cheias de uma pessoa para as veias mais vazias de outra que necessita dele.” (STOKER, 2015, p.169) No final do século XIX a transfusão ainda era algo muito questionado, com muitos experimentos e tentativas fracassadas. Apenas em 1901-02 que Karl Lansteiner conseguiu isolar os grupos sanguíneos para que fosse possível identificar compatibilidade e incompatibilidade antes das transfusões.

A partir de 1857 começou a ser comercializada a injeção de morfina, utilizada por Van Helsing em Lucy, para que ela continuasse a dormir, pois estava em estado muito fraco, e seria ruim acordar naquele momento. “Vou aplicar uma injeção hipodérmica de morfina nela.” (STOKER, 2015, p176) Outro sedativo é citado mais adiante na obra, o láudano, que era analgésico e sonífero, uma droga bem popular por ser barata. Era utilizada para cólicas menstruais, possuía morfina e codeína, além de outros sedativos dissolvidos no álcool. “Era cheiro de láudano, e olhando para o aparador, vi que o frasco que o médico receitara para a mamãe – oh! E que ela não usará mais – estava vazio” (STOKER, 2015, p.194) Outro procedimento médico utilizado é a trepanação: “O edema no cérebro vai aumentar depressa, de modo que precisaremos fazer uma trepanação imediatamente ou pode ser tarde demais.” (STOKER, 2015, p.345) Esta técnica utilizada por Van Helsing consistia em uma cirurgia que perfura o osso do crânio para diminuir a pressão interna.

O personagem Van Helsing faz indagações ao Dr. Seward, que como cientista acredita na razão e no que pode ser provado. “Imagino que você não acredite em transferência corporal. Não? Nem em materialização. Não? Tampouco em corpo astral. Não? Em leitura de pensamento. Não? Em hipnose...” (STOKER, 2015, p.246) Mas quando o professor cita a hipnose ele responde, “- Acredito – respondi. – Charcot já demonstrou muito bem a hipnose.” (STOKER, 2015, p.247) Stoker cita Jean-Martin Charcot (1825-93), um cientista francês, considerado o pai da neurologia moderna e uma grande influência para Sigmund Freud, que criou técnicas de hipnose para tratar pacientes com histeria. Além desta figura importante da ciência do século XIX, Stoker cita outros como Sir. John Scott Burdon-Sanderson (1828 – 1905) que foi um médico fisiologista e patologista, um dos primeiros nas lutas pela vivissecção, que foi muito questionada, por se tratar de estudos anatômicos e fisiológicos por meio da

dissecação de animais vivos. Sir. David Ferrier (1843-1928) também é citado. Foi um neurologista britânico que mostrou como a estimulação do cérebro modifica o comportamento. Mais dois médicos são citados adiante na obra: “O conde é um criminoso, um típico criminoso. Nordau e Lombroso também o classificariam assim,...” (STOKER, 2015, p. 421) Max Nordau (1849-1923) foi um médico húngaro, e Cesare Lombroso (1835-1909) também era um médico e criminologista italiano. Os dois defendiam que o criminoso não evoluiu mais que a natureza selvagem dos antepassados dos civilizados.

A ciência está muito presente, como podemos analisar pelo trecho a seguir: “Além disso, temos fontes científicas, somos livres para agir e pensar...” (STOKER, 2015, p.301) Os cientistas têm um amplo campo para pensar, para explorar, possuem uma mente aberta com grande gama de conhecimentos ao seu lado. Já a tradição, que é representada pelo vampiro, possui muitas limitações. A obra assim fala do século XIX, de como ele é mais científico, voltado para a razão em relação às superstições e tradições. “Um ano atrás, quem de nós aceitaria essa possibilidade, em pleno século XIX, científico, cético e prático?” (STOKER, 2015, p.302) A figura do vampiro assim é associada à tradição e como ela sobrevive ao longo dos anos, adormece mas acaba voltando a ter força, pois a tradição se forma em todas as sociedades, então é superada, mas se renova de tempos em tempos. A tradição pode ser percebida, por exemplo, quando o Conde Drácula se refere à sua história: “E quando a invasão húngara avançou para o Oriente, nós székelys fomos considerados parentes pelos vitoriosos magiares, e a nós, durante séculos, foi confiada a guarda da fronteira das terras turcas.” (STOKER, 2015, p. 61) Van Helsing, em sua pesquisa sobre o Conde Drácula descreve,

O conde, na verdade, deve ter sido o voivoda Drácula, que conquistou esse nome lutando contra os turcos, junto ao grande rio da fronteira sob o domínio turco. Caso seja, então não se trata de um homem comum, pois, naquele tempo, e por séculos depois disso, foi considerado o mais inteligente, o mais astuto e o mais corajoso dos filhos da ‘terra além da floresta’. (STOKER, 2015, p.304)

Drácula foi como ficou conhecido o príncipe da Valáquia Vlad Tepes, o empalador, pois tinha o costume de empalar seus inimigos. Seu pai, também Vlad, foi um cavaleiro da Ordem do Dragão, daí vem a palavra “dracul”, que significa dragão em romeno. Vlad Tepes era o filho do dragão, Draculea. Segundo Viera, (2011, p.5) era um vilão e um herói. Para os estrangeiros era considerado um governador sanguinário, muito

temido, que reprimia e matava estrangeiros comerciantes para poder fortalecer a economia romena. Muitas histórias foram escritas sobre ele, como ele tomava café enquanto via suas vítimas morrendo lentamente empaladas, ou que para comer o pão o molhava em sangue. Entretanto na Romênia ele é visto como um herói que protegeu a região das invasões estrangeiras.

### 3.1 REPRESENTAÇÕES DO VAMPIRO

A imagem do vampiro se transforma ao longo dos séculos. De acordo com Silva, (2013, p.19) os vampiros “são seres imortais que pertencem ao mundo dos mortos, mas que precisam dos vivos para sobreviverem.” Este fato pode ser constatado em todos os vampiros literários, que precisam se alimentar de sangue em sua maioria, já que o sangue lhes confere força e energia. Alguns ainda são canibais. “Assim, possuem dentes caninos bastante desenvolvidos e afiados para poderem perfurar as veias das suas vítimas, de modo a conseguirem alimentar-se.” (SILVA, 2013, p. 19) Observa-se que em sua maioria os vampiros atacam suas vítimas na veia do pescoço, como é o caso de Drácula, mas os vampiros de Anne Rice, em “Entrevista com o Vampiro”, escrito em 1976, sugam o sangue de suas vítimas também pelo pulso. Além disso, “Não têm reflexo nos espelhos nem sombra, são alérgicos à luz solar, o que faz com que apenas vagueiem durante a noite para capturar as suas presas ou vítimas” (SILVA, 2013, p. 19), o que é possível observar em “Drácula” já que este sai somente à noite para fazer suas vítimas, e durante o dia dorme.

Têm olhos de cor vermelha devido ao facto de se alimentarem de sangue, pelos nas mãos, sobrancelhas unidas e apresentam uma cor cadavérica, que só se altera quando bebem sangue das vítimas, o que lhes confere uma cor semelhante à dos humanos e uma temperatura corporal mais elevada. (SILVA, 2013, p. 19)

O vampiro de Bram Stoker rejuvenesce quando bebe sangue humano, como é possível evidenciar pelo fato de que Drácula apresenta uma aparência envelhecida no início da narrativa, na Transilvânia, mas quando Jonathan o vê em Londres, está com uma aparência muito mais jovem. Já os vampiros de Anne Rice permanecem com a idade que foram transformados.

Ainda segundo Silva (2013, p.19), eles conseguem sugar as energias das vítimas, além de seu sangue, assim como conseguem as hipnotizar e ler mentes. Consegue entrar na mente de suas vítimas para que elas façam o que ele deseja. Depois de mordida a vítima vai enfraquecendo e ficando pálida até se transformar. Possuem capacidade de voar e se transformar em animais. A partir de “Drácula” ele consegue escalar paredes, o que é observado também em “Entrevista com o Vampiro”. Drácula demonstra também ter grande força, sendo que os vampiros anteriores não demonstram tal característica. Os vampiros dormem durante o dia em caixões e saem a noite. Vivem em castelos antigos, criptas, cemitérios, locais religiosos. Rondam as casas das vítimas, até receberem permissão para entrar, como no manicômio em que Drácula se utilizou de Renfield para tanto.

Em relação as fraquezas dos vampiros, podemos observar os itens tradicionais como os objetos religiosos que repelem os vampiros, utilizados por Van Helsing para se proteger de Drácula e de Lucy, como a hóstia e o crucifixo, além da água benta que podemos encontrar em diversos relatos, o alho e colares de flores que também são apresentados como proteção aos vampiros. Já em versões dos vampiros mais recentes, como em “Entrevista com o Vampiro”, estes não possuem aversão aos itens religiosos.

Para destruir totalmente um vampiro, por sua vez, é necessário ter em atenção as seguintes formas e objetos: as estacas para perfurar o peito destes seres; os machados ou cutelos com os quais é possível efetuar a sua decapitação; a fogueira onde se deve queimar os seus corpos, sobretudo após uma decapitação; as balas de prata; e, por fim, a luz solar, à qual os vampiros não resistem, levando-os a recolherem-se nos seus espaços subterrâneos. (SILVA, 2013, p.21)

A figura do vampiro é muito antiga. As lendas vêm desde a Antiguidade, onde cada povo tem suas histórias sobre este ser morto-vivo que se alimenta de sangue e carne. Há algumas mudanças em relação esta figura, já que “no século XX, os vampiros assumem o seu poder sedutor.” (SILVA, 2013, p.86) As lendas se espalham por todo o mundo antigo, e os relatos mais presentes estão no Egito, Grécia, Arábia, Itália, e na Europa Central. Ainda falando dos vampiros mais antigos, Silva (2013, p.23-24) afirma,

Em primeiro lugar, no respeitante à figura judaica “Lilith”, considerada, em certo sentido, o primeiro vampiro, ela assume como principais características

o facto de se encontrar associada quer à questão do sangue, quer à da sexualidade. Para além disso, a sua alimentação consiste na vida dos homens, a qual ela pode retirar apenas com um só beijo, e no sangue das crianças. Outros aspetos que lhe são específicos residem na circunstância de ela retirar ou roubar o sémen masculino com o objetivo de, através dele, gerar mais seres diabólicos, e na sua aparência, pois “Lilith surge também sob o símbolo de uma vagina com dentes, na parte da frente, ao nível do terceiro olho. Lilith fecunda por meio do espírito e não da carne, em oposição a Eva [...]” (Brasey, 2010: 40). Em segundo lugar, no que respeita aos seres designados pelo termo “Ghouls”, estes são representados como vivendo entre os seres humanos durante a parte do dia e alimentarem-se sobretudo de sangue, mas também de carne. Há ainda que colocar em evidência que estes seres habitam debaixo da terra e têm o poder de se metamorfosearem, bem como o de controlarem as suas vítimas.

As lendas continuam a surgir por toda a Idade Média, quando os mais diversos seres eram chamados de vampiros. Uma figura que gerou lendas é a de Vlad, o empalador (1431-1476), que, como já citado, teria sido utilizado por Bram Stoker para criar Drácula. Foi um governante sanguinário e muitos acreditavam ser um monstro, pois concebiam que ele era imortal, um pouco devido ao seu pai ter morrido e ele assumido o seu lugar se utilizando do mesmo nome. Assim, pensavam que era a mesma pessoa. Outro caso é de Elisabeth Báthory (1560-1614), que para continuar jovem e bela se banhava em sangue de jovens que assassinava. Foi condenada a prisão perpétua por seus crimes. Na literatura o vampiro foi introduzido “...num sentido mais restrito, surgiram por volta do ano de 1748, através do poema *Der Vampire* (O Vampiro) do autor alemão Heinrich August Ossenfelder (1725-1801), seguido, em 1773, do poema *Leonor* de Gottfried August Bürger (1747-1794).” (SILVA, 2013, p.28)

Observa-se que os vampiros no século XIX modificam-se em relação a seu modo de se vestir e de se comportar na sociedade, passando a ter uma elegância, um charme, apesar de continuarem sendo monstros. Não inspiravam medo e sim curiosidade, algo enigmático. Neste século surge um conto de terror tendo o vampiro como personagem principal, modificando esta visão. Seu autor é o inglês John William Polidori (1795-1821), que escreveu o conto intitulado “*The Vampyre*” (O Vampiro), publicado no ano de 1819”. (SILVA, 2013, p.31) O vampiro de Polidori é,

Lord Ruthven, um aristocrata, caracteriza-se por ter os olhos de cor cinzenta, ser convidado a frequentar todas as casas, por possuir uma fala que cativa as mulheres (ou seja, trata-se do poder de sedução através das palavras), por ter gosto pelo jogo e ser bem sucedido neste, por ser um terrível perverso e por gostar de antros de depravação.” (SILVA, 2013, p.3536)

A figura do vampiro passou do ser que vive escondido na escuridão e que todos temem para algo misterioso, que cativa e envolve suas vítimas. Seguindo na literatura, temos no Romantismo alemão o conto “A Vampira” (Vampirismus), publicado em 1821 por Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1776-1822). O conto traz a história de Aurélia, que demonstra ser ligada a fatos sobrenaturais e é casada com o Conde Hypolite, que não sabe de nada dos fatos sobrenaturais, até que “Aurélia se revela como uma vampira ancestral que sobrevive alimentando-se de cadáveres.” (SILVA, 2013, p.39)

Na literatura francesa temos o contista Prosper” de Mérimée (1803-1870), que publicou em 1827 “Cara-Ali, le vampire” (Cara-Ali, o vampiro). Representando a literatura norte-americana temos “Berenice”, publicado em 1835 por Edgar Allan Poe (1809-1849). A literatura transforma assim a imagem do vampiro:

No século XX, os vampiros assumem o seu poder sedutor. O cinema é responsável, em boa medida, por esse aspeto, nomeadamente ao difundir a imagem do ator Bela Lugosi, que confere à personagem do conde Drácula um ar aristocrático e charmoso através do olhar penetrante e do sotaque estrangeiro, bem como da capa preta, que ficou célebre.” (SILVA, 2013, p.86)

Há algumas mudanças e algumas semelhanças entre os vampiros de Rice e Drácula. Naquele, o personagem principal Louis não aceita inicialmente ser um vampiro e sugar sangue humano, alimentando-se então de animais. O sangue pode ser sugado pelo pulso, não somente pelo pescoço. Os vampiros não temem o crucifixo e o alho.

No século XXI a literatura acerca de vampiros se transforma mais ainda. Um grande sucesso é a saga “Crepúsculo” de Stephenie Meyer, publicada em quatro romances, “Crepúsculo”, em 2005, “Lua Nova” em 2006, “Eclipse” em 2007 e em 2008 “Amanhecer”. Nestas obras a imagem do vampiro se transforma, apesar de possuírem muitas características dos demais, como a imortalidade, não envelhecer, força e rapidez. Possuem a pele clara, mas podem andar de dia, contanto que esteja nublado. A figura não é mais assustadora; apesar de se alimentarem de sangue, a família de vampiros principais, os Cullen, se alimentam apenas de sangue de animais. Existem outros vampiros que sugam sangue humano, mas também não transmitem aquela imagem aterrorizante ligada ao demônio. Os vampiros nesta obra se expõem ao sol, apenas brilham, não se ferindo. Isso é algo novo, pois até então o sol era um aliado contra o vampiro que não poderia sair de dia, mas neste caso ele pode se misturar

aos humanos e ter uma vida normal. Nesta obra os vampiros também possuem cada um, um poder diferente, como ler a mente, prever o futuro, influenciar os outros, inspirar compaixão, causar dor com um olhar, entre outros que vão surgindo ao longo da saga.

Aos poderes ancestrais e/ou derivados das personagens de Stoker e Rice, juntam-se aqui outros que se ligam, talvez, à mudança de século e alterações da própria sociedade, numa tentativa de modernizar a figura do vampiro, dando-lhe novas características e adaptando-a, assim, à época contemporânea. (SILVA, 2013, p.112)

Silva (2013, p.128-129) caracteriza o personagem de Bram Stoker como sendo um vampiro tradicional, mas que ao mesmo tempo foge do folclore por ser um cavalheiro e sedutor, o que apontaria para a influência que o personagem teria o século seguinte. “Neste período (séculos XX e XXI), verificámos que os vampiros começaram a ser representados como assumindo uma postura sedutora, como possuindo um sotaque estrangeiro e um olhar penetrante...” (SILVA, 2013, p.130). O século XX insere os vampiros de Anne Rice que fazem uma crítica ao modo de vida americano e a questões envolvendo os relacionamentos em tempos de HIV. Podemos observar ainda uma música do cantor Zeca Afonso (1929-1987), intitulada de "Os Vampiros" (1983). Nesta Zeca Afonso utilizou os vampiros como alegoria para criticar o capitalismo, as injustiças sociais e econômicas que se faziam sentir em todo o país, à época." (SILVA, 2013, p.131)

Os vampiros do século XXI são diversos. Além das obras de Meyer, temos muitas versões de vampiros com diversas características, assim como adaptações para cinema e séries. O vampiro se tornou muito popular, deixando de ser, em alguns casos, o vilão para se tornar o herói.

Sendo assim, não nos podemos olvidar, obviamente, de que, ao longo do século XX e até ao presente, se verificou uma massificação da figura do vampiro, dada a inúmera produção de obras literárias e, sobretudo, de filmes e séries televisivas acerca desta figura. Na época contemporânea, o vampiro ficou conotado como símbolo de erotismo, como tendo adquirido sentimentos humanos e, em alguns casos, esta figura foi mesmo adaptada para o público infantil, como é o caso, por exemplo, da personagem do Conde de Contar da didática série infantil intitulada Rua Sésamo (1989/1996), que [...] se caracteriza por não ter uma apetência pelo sangue humano, mas sim pelas ciências matemáticas, mais propriamente pelo ato de contar. Para além disso, este vampiro infantilizado apresenta-se com os esperados caninos afiados e o cabelo preto e fluido; a sua pele é lilás e ele enverga uma capa. Esta imagem corresponde igualmente à máscara de Carnaval do vampiro, tanto para adultos como para crianças, sinal de que já não é assustadora. Por isso,

os autores literários e/ou cinematográficos e televisivos têm procurado novas figurações e atributos para esta criatura lendária, de acordo com os novos públicos. (SILVA, 2013, p.133)

Os vampiros mudam com a sociedade. Com a evolução desta, há a evolução deste ser que cada vez se torna mais parecido com um ser humano normal. Surge assim o vampiro moderno. Santos (2012) traz essa questão de como a imagem do vampiro é aproximada ao público ao qual é destinada a obra. “Por essa prisma, o vampiro nada mais é do que uma personificação oculta do ser humano.” (KORASI, 2014, p.31) Trata-se de uma forma de rebeldia contra a sociedade, contra as normas estabelecidas.

Drácula, "o personagem homônimo do romance, tornou-se um vampiro arquetípico, modelo a ser seguido pelos demais escritores, influenciando tanto a literatura vampírica do século XX quanto a do século XXI" (RODRIGUES, 2014, p.42). O vampiro possuía muitas características antes e possui outras que surgem depois, mas ele é um marco para esta literatura.

Entretanto, e de maneira convergente, o romance de Bram Stoker apresentou uma crônica vampírica que ratificou e rotulou o estereótipo do vampiro romântico, mas com um estilo de linguagem e abordagem totalmente realista. Expôs os dois lados – a sociedade realista e o vampiro romântico. Ou seja, Stoker criou o estereótipo máximo do vampiro para a época, um ser vivente dentro das regras do novo mundo, mas sem perder seus valores românticos, um híbrido exato entre modernidade e passado, o ser impecavelmente adaptado. O monstro perfeito! (Korasi, 2014, p.116) Inspirado no romeno Conde Vlad Tepes III – ou Vlad Dracul – o protagonista Conde Drácula evidenciou de maneira precisa o pavor da sociedade europeia frente ao outro, aqueles fora dos limites da Europa. Medo diante uma possível colonização as avessas, na qual estrangeiros incivilizados poderiam invadir a nobre Inglaterra, abalando os valores da Era Vitoriana, ameaçando as conquistas da razão e podendo reverter o rumo da nascente Revolução Industrial. (KORASI, 2014, p.118)

Anne Rice foi contra a tradição do vampiro clássico, onde itens como cruz, alho ou estacas, não os machucavam, além possuírem sentimentos, sonharem, de terem reflexo em espelhos, e não sentirem necessidade de dormir em caixões. “A autora criou uma oposição entre os chamados países civilizados e não civilizados.

Stoker desejou o mesmo em seu romance Drácula”. (KORASI, 2014, p.144) Observa-se isso no caso de Bram Stoker, como já abordado anteriormente e em “Entrevista com o vampiro”. “Essa divisão ficou evidenciada quando os vampiros visitaram a Europa Central, reflexo estendido aos vampiros locais, seres selvagens, violentos, sem face humanizada ou civilizada” (KORASI, 2014, p.144).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura está ligada à história. Na obra de Stoker isto fica claro, pois muito de sua época se insere em seu livro. Bram Stoker viveu em um momento onde surgiu a ciência moderna e muitos estudos relacionados à medicina, o transporte e comunicação se tornam mais rápidos, e tudo isso é transcrito no livro, pois a escrita revela quem o escreve e em que época. Como foi observado, com o advento da modernidade, a sociedade inglesa passou por diversas mudanças. A Revolução Industrial modificou a vida das pessoas. Londres passou por um turbilhão de acontecimentos no final do século XIX, e tudo isso é perceptível em “Drácula”. Muitas novidades surgiram e Stoker se utilizou delas para aprimorar sua obra.

A modernidade se desenvolveu com o século XIX, juntamente com a busca da razão em detrimento da fé. Ela germinou nas cidades que cresceram rapidamente. Londres se tornou a maior cidade e a capital financeira do mundo, e a Inglaterra consolidou seu papel de potência mundial. A Revolução Industrial se desenvolveu ali, transformando a sociedade, disseminando as indústrias e provocando um grande deslocamento das pessoas do campo para a cidade em busca de emprego. Mas a superpopulação tornou a vida na cidade difícil, pois os trabalhadores recebiam pouco para trabalharem muito nas fábricas, e acabavam por terem que morar em situações precárias, muitas vezes não recebendo o suficiente nem para alimentar a família.

A ciência apresentava-se como a solução de todos os problemas da sociedade. Os processos médicos se aprimoravam e a medicina surpreendia. O mundo outrora baseado em superstições e na religião dá lugar agora a um mundo baseado na razão.

Ao mesmo tempo que a modernidade surgia como algo bom e positivo na visão do autor, a tradição era vista como algo a ser superado. O personagem Drácula representa essa tradição, o nobre aristocrata e estrangeiro que vem para degenerar a sociedade. Por outro lado, os homens da ciência são os heróis. A mudança é boa, mesmo que muitas vezes ela possa ser motivo de dúvidas. Stoker procurava assim nos mostrar como ela poderia ser a salvação da civilização.

A civilização versus a barbárie é algo recorrente desde o início da obra. Observa-se como a Transilvânia, por ser uma região menos desenvolvida que a Inglaterra, passava uma imagem negativa, ligada apenas a tradições e superstições. A civilização estava relacionada ao pensamento científico, à razão, a evoluída e

poderosa Inglaterra. O estrangeiro era visto como uma ameaça, algo a ser enfrentado, pois era tido como atrasado, antigo, o vilão. O protagonista e ao mesmo tempo antagonista da obra, o Conde Drácula, é um vampiro tradicional, que possui grande prestígio em seu país por ser da nobreza. Além disso pode-se observar que é temido pelos conterrâneos, que muitas vezes dizem para Jonathan não ir até o castelo de Drácula. Observa-se que este é um homem culto, educado, que recebe o convidado muito bem. Tem algo de misterioso e instigante. Estuda muito sobre a Inglaterra e passa uma visão desta sendo muito agitada e movimentada, ideal para ele que quer passar despercebido e fazer suas vítimas sem que ninguém perceba.

Os heróis de Stoker são homens influentes da sociedade no final do século XIX. Van Helsing, que possui muitas formações como medicina e filologia, é professor e um estudioso muito respeitado pelo seu grande conhecimento. O Dr. Seward é médico e diretor de um hospício. Quincey Morris, um americano do Texas, um jovem rico e aventureiro. Arthur Holmwood ou Lorde Godalming, título que recebeu após a morte de seu pai, alguém bem influente, um Lord rico e poderoso de Londres. O personagem Jonathan Harker inicialmente não é um sujeito rico, apenas um advogado iniciante, mas ao receber uma herança de seu sócio, enriquece, e com isto se eleva seu prestígio. Todos possuem condições de enfrentarem uma batalha que demanda tempo e gastos.

Este romance de terror se inicia na Transilvânia e termina nela, apesar da maior parte da história se passar na Inglaterra. O objetivo dos personagens tidos como heróis é proteger Mina Harker da perdição que o Conde Drácula lhe impôs e, por extensão, salvar a civilização deste estrangeiro que vem trazer a promiscuidade e a degeneração da sociedade com suas práticas imorais. Transpassa a imagem de uma crítica a essa sociedade moralista e puritana, uma visão de como a sociedade muda e tudo muda junto, a forma das pessoas pensarem, agirem e encararem essa nova civilização que se desenvolve no final do século XIX.

A imagem do vampiro se modificou ao longo dos séculos. Como podemos observar, Drácula já é de uma nova geração onde o vampiro não está associado apenas ao medo, mas ao mistério, ao charme, à sedução. Drácula se torna um ícone, o vampiro mais famoso, muitos se inspiram nele para suas criações. Para além de Drácula, temos no século XX o vampiro novamente trazendo uma crítica à sociedade com o livro “Entrevista com o Vampiro” de Anne Rice, que demonstra uma sociedade

que passa por muitos problemas com homofobia, e casos de HIV. A obra traz a história de Lestat, que não escolhe suas vítimas por gênero, mas pela beleza, independente do sexo. Além deste exemplo observamos que no século XXI essa imagem se modifica mais um pouco e um vampiro mais ligado à sociedade atual e direcionado para jovens é criado com “Crepúsculo”, que narra o romance entre um vampiro e uma humana, o que faz com que o vampiro deixe de ser o vilão da história.

A literatura se molda à sociedade em que é escrita, pois o livro está sendo escrito para um público específico. A história e a literatura se complementam, pois por meio de uma podemos visualizar a outra. Através de “Drácula” podemos distinguir o que acontecia naquela época, como era a visão da sociedade a respeito da mulher, ou como o estrangeiro era visto ao chegar em outro país, ou ainda o que se desenvolvia na época, em termos de ciência e tecnologia. De acordo com Pesavento (2003, p.32), “História e Literatura são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos, e hoje se pode dizer que estão mais próximas do que nunca.”

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 334.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 728.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar – A Aventura da modernidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007. p.154
- BRAGA, Marco. **Breve história da ciência moderna**, volume : Das luzes ao sonho do doutor Frankenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRAGA, Marco. **Breve história da ciência moderna**, volume 4: A belle-époque da ciência. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2011.
- BRAUDEL. Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo séculos VVXVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BRAUDEL. Fernand. **Gramática das civilizações**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CARVALHO, Erica Martins de. **História e Literatura e a construção da narrativa histórica**. Pato de Minas: Pergaminho, (5): 51-58, dez. 2014.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque***. 3ª ed. Campinas- SP: Editora da Unicampi, 2012.
- COMPAGNON, Antoine. **Os Cinco Paradoxos da Modernidade**. Belo Horizonte, UFMG, 1996. p. 17.
- GIURESCU, Constantin C. **A Transilvânia na história do povo romeno**. Rio de Janeiro- RJ: Grifo, 1977.
- HOBBSAWN, Eric J. **A era dos impérios: 1875-1914** . São Paulo: Paz e Terra. 2011.
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza dos homens**. 22 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- KORASI, Fabricio Pereira. **O vampiro romântico, uma questão estética: Uma historia das representações através do mito**. 2014.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003. P.541.

LONDON, Jack. **O povo do abismo: fome e miséria no coração do império britânico - uma reportagem do início do século XX**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p.334.

LUVIZOTTO, C. K. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 12 de out. de 2016.

MICHETTI, Miqueli. **Capítulos da modernidade: moda e consumo na Paris do século XIX**. Revista Proa , nº 01, vol. 01, 2009, p. 228-252.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 812.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 282.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **O mundo como texto: leituras da história e da literatura**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p.31-45, set. 2003.

ROCQUE, L. de L; TEIXEIRA, L. A. **Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura**” in História, Ciências e Saúde – Manguinhos, vol. 8 (1): 10-34, mar.- jun. 2001.

**O historiador e suas fontes**. Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (Orgs.) São Paulo: Contexto, 2009.

RODRIGUES, Andrezza Cristina Ferreira. **Drácula um vampiro vitoriano: o discurso moderno no romance de Bram Stoker**. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

RODRIGUES, Leticia Cristina Alcântara. **O amor, a morte e o tempo: o mito do vampiro em narrativas dos séculos XIX e XX**. Goiânia. 2014.

SANTOS, Nayane Maria Mensato dos. **Imagem e comportamento do vampiro contemporâneo: uma análise semiótica**. Araraquara-SP. 2012.

SILVA, Vanessa Sofia Brito da. **Representações do vampiro de Drácula de Bram Stoker a Entrevista com o vampiro de Anne Rice**. Gambelas, 2013. Dissertação Mestrado de Estudos Literários e Artísticos Especialidade em Estudos Literários. Faro, Portugal.

STOKER, Bram. **Drácula: edição comentada**. I. ed. –Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 427.

VIEIRA, Maytê Regina. **Drácula de Bram Stoker (1992): Uma adaptação entre a literatura e a história.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH- São Paulo, julho, 2011.

WOOD, Ellen Meiksins. **A origem do capitalismo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

